

FACULDADE DA IGREJA MINISTÉRIO FAMA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA
PROGRAMA INTEGRALIZAÇÃO DE CRÉDITOS EM TEOLOGIA
ADRIANA MARIA DA SILVA

O PAPEL DAS ESCRITURAS NA REFORMA PROTESTANTE COM
IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE

GOIÂNIA – GO

2016

ADRIANA MARIA DA SILVA

O PAPEL DAS ESCRITURAS NA REFORMA PROTESTANTE COM
IMPLICAÇÕES PARA A ATUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade da Igreja
Ministério Fama – FAIFA, como requisito
final para título de Convalidação de
Créditos em Teologia, sob orientação da
Profa. Lázara Divina Coelho.

GOIÂNIA – GO
2016

ADRIANA MARIA DA SILVA

O PAPEL DAS ESCRITURAS NA REFORMA PROTESTANTE COM IMPLICAÇÕES
PARA A ATUALIDADE.

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado à Faculdade da Igreja
Ministério Fama – FAIFA, como requisito
final para título de Convalidação de
Créditos em Teologia, sob orientação da
Profa. Lázara Divina Coelho.

DATA DE APROVAÇÃO: 21/12/2016

Profa. Ms. Lázara Divina Coêlho
Faculdade da Igreja Ministério Fama

Profa. Esp. Sueli Maria de Freitas
Faculdade da Igreja Ministério Fama

Prof. Esp. Dione Junior
Faculdade da Igreja Ministério Fama

DEDICATÓRIA

Eu dedico toda honra e glória ao Senhor, que me fez chegar até aqui mesmo às vezes me sentindo tão incapaz, mesmo quando o medo das novas experiências me assustava. Ele trazia paz ao meu coração, e por isso cheguei até aqui. “Até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Sm 7.12).

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus por todas as bênçãos concedidas e pela caminhada que não foi fácil até aqui. Ao meu amado esposo e companheiro Ronaldo que é um canal de Deus na minha vida e aos meus presentes preciosos Adrielly Rayane e João Pedro. A minha linda mãe que eu amo tanto. E meus irmãos e irmãs que sonharam comigo. Ao meu sobrinho que me ajudou e que eu amo, muito obrigado. Enfim a toda a minha família. Ao círculo de oração da minha igreja, irmãs que me ajudaram muito em oração. A minha orientadora que me incentivou, o meu muito obrigado. Aos amigos pelo incentivo. Aos meus pastores Carlos Melo e sua esposa Marlúcia Angélica que me incentivaram muito.

RESUMO

A igreja primitiva foi instituída por Jesus como modelo que atravessaria séculos, porém foi aberta a porta da apostasia que tomou conta da igreja tempos depois, levando-a ao declínio moral, ético e espiritual, que resultou na destruição de suas bases bíblicas, tomando para si como única representante da autoridade de Deus para o homem. A Reforma e outros movimentos ligados a ela são abordados como proporcionadores da união cristã e não a divisão, ou seja, trazer a igreja de Cristo, que havia perdido as bases Bíblicas que é única autoridade sobre a vida do homem, pois através da Palavra Deus se permite a conhecer seus propósitos para o homem através de seu plano de redenção, pois só através das Escrituras o ser humano pode voltar aos seus princípios. Este projeto foca nas Escrituras como mapa de retorno aos cristãos interessados em voltar às origens e viver o verdadeiro chamado de Jesus para a igreja a fim de restaurar a moralidade cristã e reafirmar o valor das agradas Escrituras através dos séculos fazendo uma análise em relação ao papel fundamental das Escrituras antes e depois da reforma, conferindo que através dela obtemos o alicerce e o sustento de uma igreja mantida através do conhecimento e mandamento de Jesus.

Palavras-Chaves: Reforma. Inspiração. Autoridade. Inerrância. Infalibilidade.

ABSTRACT

The early church was instituted by Jesus as a model to go through centuries, although the door of apostasy that took hold of the church was later opened, leading it to moral, ethical and spiritual decline, which resulted in the destruction of its biblical foundations, taking For Himself as the sole representative of God's authority for man. The Reformation and other movements linked to it are approached as providing for Christian union and not a division, that is, bringing a church of Christ, which has already lost as Biblical bases that is a single work on the life of man, because of the word God allows himself to know his purposes for man through his writing plan, for people about the Scriptures or human being can return to its principles. This project is focused on Scripture as a return map for Christians interested in returning to their origins and living the true calling of Jesus to a church in order to restore a Christian morality and reaffirm the value of pleasing Scripture over the centuries by doing an analysis in Concerning the Fundamental role of the Scriptures before and after the reformation, granting that through it we obtain the foundation and sustenance of a church maintained through the knowledge and commandment of Jesus.

Keywords: Reform, Inspiration. Authority. Inerrancy. Infallibility.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 BÍBLIA SAGRADA	9
1.1 INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA	11
1.2 AUTORIDADE DAS ESCRITURAS.....	15
1.3 INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS	17
1.4 SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS	19
1.5 PRINCIPAIS ESCOLAS DE INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA	22
2 REFORMA PROTESTANTE	25
2.1 O DESVIO MORAL DA IGREJA.....	26
2.2 AS RAZÕES DA REFORMA.....	26
2.3 MARTINHO LUTERO.....	28
2.4 FILIPE MELÂNCOTON	29
2.5 RESULTADOS DA REFORMA	31
3 O RESGATE DAS ESCRITURAS NA REFORMA PROTESTANTE SEGUNDO A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER	41
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS.....	59

INTRODUÇÃO

A história do cristianismo tem muitos exemplos através dos séculos que ainda servem de referência para a vida cristã em todos os tempos. O que Jesus e os apóstolos deixaram não foram simplesmente normas e condutas, mas ensinamentos que podem revolucionar a vida do homem o que permite ver a fragilidade humana diante do pecado através dos séculos.

Este trabalho trata de um retorno que aconteceu através de homens sábios e corajosos que sabiam o quanto a Bíblia é fascinante e que esta pode exercer um papel de grande importância sobre a igreja e afirmam a autoridade da Palavra sobre a qual está o poder de Deus, pois ela revela a Deus e sua vontade à sua igreja e ao homem. A palavra não precisa de acréscimo e nem de aceitação, ela é autoridade.

Era necessário que a igreja tivesse uma reação contra o distanciamento dos padrões das Sagradas Escrituras e não continuasse passiva ou omissa, por não ter coragem de agir contra normas e condutas meramente humanas, pois a fragilidade diante do pecado a deixa vulnerável.

O objetivo da pesquisa é fazer um resgate na atualidade para as Escrituras Sagradas e trazer a igreja de novo às origens que está embasada na Palavra de Deus. Promover meios pelo qual haja um despertar, pois, a igreja, nascida do fogo hoje está debaixo de cinzas e precisa sentir essa necessidade de mudança, por que só trazendo a igreja para as Escrituras seria capaz de acontecer as mudanças necessárias sendo que somente através da autoridade das Escrituras sobre a qual está formada o compromisso de verdade. As Sagradas Escrituras têm a resposta para cada necessidade independente do tempo.

1 BÍBLIA SAGRADA

A palavra Bíblia provém do grego *biblos*, pois eram preparados os papiros que vinha de uma planta aquática ou feita também de pergaminho e de pele de animal. Sendo escrita originalmente em rolos, os livros Sagrados não estavam unidos uns ao outro e vários destes formava uma coleção de livros pequenos. (Jr 36.2, NVI).

Os escritos eram feitos pelos escribas de modo criterioso, lento e oneroso. O vocábulo “Bíblia” não se acha em nos escritos das Sagradas Escrituras.

A Bíblia Sagrada é mais que um manual de condutas e normas, ela ensina ao homem como viver de maneira que reconheça Deus, seu criador. A Palavra de Deus é o mais único fundamento sobre o qual está toda fonte de conhecimento sobre Deus ou que Ele quis revelar ao homem, ela também fala sobre a condição de pecado do homem. Pois o Senhor se revelou a igreja e deu a ela o conhecimento de sua vontade através das Sagradas Escrituras. A Bíblia é indispensável por que é através dela que se tem o devido conhecimento das coisas Espirituais. A Escritura Sagrada é a razão pela qual ela deve ser crida e obedecida, pois ela é uma autoridade e não precisa do testemunho humano, mas somente de Deus por que Ele é o autor. Por isso deve ser crida e recebida como a Palavra de Deus, nada pode fazê-la ser mais, e nada pode diminuir a sua autoridade pois nada pode ser acrescentada a ela em tempos alguns pois é a Palavra de Deus revelada.

As Palavras do Deus Todo Poderoso se tornam alicerce sobre o qual todas as coisas estão firmadas. No primeiro capítulo de Gênesis o poderio do Senhor mostra-se supremo desde a criação do mundo, logo se percebe que a sua Palavra é tão poderosa que trouxe o mundo a existência. As Sagradas Escrituras são designadas por Deus, abrangendo toda subsistência, sempre mostrando a excelência de Deus e as suas maravilhosas obras.

A Palavra, sendo inspirada pelo Espírito Santo, portanto e falada pelo próprio Deus, é tão poderosa e misericordiosa que fala com cada um em seu íntimo e em sua particularidade trazendo convicção para aquele que a escuta.

As Sagradas Escrituras de forma escrita é a Palavra de Deus ao ser humano, que fala com o indivíduo no seu íntimo de maneira que o homem comum a entenda

sem perder nenhum valor e autoridade; a Palavra de Deus falada por homens que eram porta-vozes de Deus eram plenas ao homem (GRUDEM, 1999, p.23-25).

O homem via a Bíblia de uma maneira tão simples que se esquecia das riquezas e bênçãos que vieram através dela ao mundo, mas a sua história traz grandes surpresas, pois ela é diferente de todos os relatos históricos e direcionada a um objetivo: revelar Deus ao homem e seus propósitos para toda a humanidade; seus objetivos não são somente religiosos como pessoais, e sua razão central é demonstrar o amor de Deus através da graça salvadora.

A Bíblia relata coisas profundas ao ser humano através de seus conceitos morais e religiosos, conduz o ser humano a andar em caminhos planos.

A Bíblia é tão rica em seu conteúdo que a Palavra se revela aos filhos de Deus, sendo que: "O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus", (Rm 8.16, NVI), levando até quem não crê nela como autoridade sobre a qual tudo está firmado. É através das Sagradas Escrituras que um Deus tão grande e ilimitado em sua grandeza e se dá a conhecer, permitido assim ser visto e ouvido através de suas Palavras. A Bíblia possui uma riqueza tão grande que mesmo sendo a Palavra de Deus ela fala ao coração do homem por simples que este seja. Pois a mesma que trata com um juiz ou um presidente, trata com uma secretaria do lar, uma passadeira ou com aquele que trabalha no campo, pois ela trata com cada homem em sua essência. Sua capacidade histórica não é, e nem pode ser desprezada, seu conteúdo histórico abrange aspectos importantes, pois ela se auto justifica e isto é percebido também por aquele que não crê.

A Bíblia não só revela uma religiosidade, mas demonstra os princípios morais de Cristo, que são totalmente precisos, pois tem como exemplo a vida de Jesus alicerçados nos preceitos de Deus que é soberano e tem o propósito de aproximar o homem, auxiliando-o a ter uma vida que mostre o grande amor do Pai através de suas atitudes.

As Escrituras ressaltam as responsabilidades do homem no caminho da integridade cristã segundo os mandamentos de Deus, valorizando o amor a Deus e ao próximo, como está escrito em Lucas. 10.27,28 (NVI): "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de

todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo [...]; faze isso, e viverás”.

Através da Palavra obtém-se a clareza e a beleza da Bíblia que a faz incomparável em relação a outros manuscritos, pois é a Palavra Deus, que conhece o verdadeiro estado do homem; seus ensinamentos são santos, seus conceitos devem ser obedecidos, seus relatos são verdadeiros e suas decisões são eternas.

1.1 INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

Segundo Costa, 1998, p. 98:

Podemos definir a inspiração como sendo a influência sobrenatural do Espírito de Deus sobre os homens separados por ele mesmo, a fim de registrarem de forma inerrante e suficiente toda a vontade de Deus, constituindo este registro a única fonte na norma de todo conhecimento cristão.

Logo as Escrituras citam sua fonte inspiradora: As Palavras do próprio Deus, isto foi o que levou homens a escreverem e deixarem histórias e pensamentos das épocas em que viveram e inclusive de grandes revelações futuristas. Mesmo tendo autores humanos ao longo da história ela se mantém fiel à sua essência, pois é inspirada pelo Espírito Santo e Paulo ainda afirma que “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino” (2 Tm 3:16, NVI).

A Bíblia como a Palavra de Deus é a única base absoluta da autoridade. Se elas não fossem a Palavra de Deus ela não teria autoridade divina, mas a Bíblia é plenamente verdadeira e totalmente inspirada por Deus. A expressão para “inspiração” revela que as Sagradas Escrituras são resultado do assoprar de Deus, para o homem, este sendo guiado pelo Espírito e através dele pudesse escrever as Sagradas Escrituras. Esta Inspiração trouxe ao homem a convicção de que ele estava preparado para expressar a Palavra com exatidão e verdade. A Inspiração é o assoprar de Deus no intelecto humano, usando-o como um instrumento nas mãos de um especialista, era como se o próprio Deus falasse através da boca do homem.

O assoprar de Deus fez com que o homem escrevesse a Palavra em obediência e verdade sem conter nenhuma inverdade, por isso as Sagradas Escrituras é a absoluta verdade. (TIDWELL, 1991, p. 26-28).

Não se pode analisar inteiramente o processo do Espírito Santo agindo no intelectual do homem, mas se verificar alguns acontecimentos obtém-se o entendimento que a Palavra vem de Deus, ditas por sua própria boca, porém o Espírito não usou de forma inconsciente, mas de uma maneira cuidadosa e totalmente fiel através do escritor, Ele mesmo foi o supervisor da obra em seus minuciosos detalhes usando o entendimento que cada um adquiria segundo o conhecimento ou fonte de estudos que estes tinham. O Consolador trabalhou com cada um de forma individual, controlando e guiando palavras, pensamentos e formas de linguagem, usando suas particularidades para falarem de coisas futuras fazendo da Palavra de Deus a verdade absoluta.

Quando se fala sobre dos ensinios da igreja primitiva sobre a inspiração é importante mencionar dois grandes pensadores e filósofos gregos, que foram Platão e Aristóteles. Platão foi quem mais teve influência sobre a igreja, absorção dos dados sensoriais. Agostinho que é o ideal platônico chegou ao seu máximo eclesiástico, e a Tomás de Aquino em quem o aristotelismo fez a mesma coisa mais mantinham diferencia entre seus mentores. Aquino admitia que um ato de fé era preciso a fim de obter a verdade revelada e ele acreditava que a fé em Deus e nas Escrituras Sagradas tem que ser racional “digna de crença” eles ensinavam a Bíblia através dela mesma.

Assim, o pai apostólico Clemente de Roma (35-100 d.C.) era tão direto como qualquer outro pai. Escreve acerca das Sagradas Escrituras que ditos do “Espírito Santo” os pais apostólicos e suas apologias eram orientais, mas na igreja ocidental e que estavam crescendo os seus ensinios acerca da Bíblia, estava sendo comunicado. Irineu utilizava a frase: “o Espírito Santo diz”. Assim fazia Cipriano (200-258 d.C.). Tertuliano (160-220 d.C.) era teologicamente mais preparado, ele dizia que tudo quanto era escrito nas Sagradas Escrituras era de extrema importância, fossem elas escritas ou ditas eram a própria voz de Deus (GERSTNER, 2000, p. 29).

O mais aplicado e instruído da igreja dos primórdios, foi Orígenes (185-253 d.C.) para ele a inspiração que estendia por toda a Sagrada Escritura. A Bíblia não continha inverdades e nenhum tipo de falha, sendo assim inspirada pelo o Espírito Santo. Jack Rogers declara que para a Orígenes a Bíblia era harmoniosa em tudo e extremamente perfeita em cada parte que a compõem mesmo que tenha sido escrita pelo o homem e nem o Novo Testamento tenha sido escrito no melhor grego. Para ele o que tinha importância era a revelação da Palavra dada por Deus. Orígenes persistia que a revelação não dependia somente das palavras ditas, mas acreditava que Deus se comunicava com homem de maneira que esse entendesse, assim como um professor não se torna mesmo sábio ou entendido por falar em uma linguagem infantil para que seus alunos o possam entender, isso não faz o ensino menos importante, ela intende que Deus na sua bondade fala como homem de maneira que este o entenda. Para Orígenes, a Bíblia não era uma obra humana, mais de Deus para o homem. Os pais da igreja dos primórdios afirmaram a inerrância e a suficiência da Bíblia a Palavra de Deus, pois ela não só mostra a revelação, mas é a própria revelação de Deus e por isto é inerrante e suficiente. (GERSTNER, 2000, p. 25-31).

Segundo Arnold e Beyer (2001, p. 24-26), a inspiração da Bíblia ocorreu de modo absoluto, o Espírito de Deus junto com homem para guiá-lo nos manuscritos sagrados. A inspiração é confirmada em várias partes das Escrituras, em palavras do Apóstolo Paulo em 2 Timóteo 3:16 (NVI) “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, para correção, para educação na justiça”, e com base na própria Bíblia admite-se que Deus é o autor das Sagradas Escrituras. Lamentavelmente as Escrituras não relatam de que modo o Senhor inspirou o homem para que este tivesse liberdade na escrita de acordo com os seus próprios costumes. Por isso surgem teorias afim de entender e as mais comuns são teoria neo-ortodoxa, teoria do ditado, teoria da inspiração limitada, teoria da inspiração verbal plenária.

Na teoria neo-ortodoxa acredita-se que Deus é absolutamente transcendente e totalmente diferente do homem, pois ele está além do entendimento humano e só podemos conhecer dele aquilo que Ele nos mostra como ele se revelou através de Jesus Cristo.

Uma desigualdade que há entre a neo-ortodoxia e os evangélicos, os primeiros acreditam que as Sagradas Escrituras dão testemunho da Palavra de Deus em contrapartida os outros acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus. De acordo com o homem dos tempos bíblicos que tiveram conhecimento com Deus, então eles relataram suas experiências ou encontro com da melhor forma possível, mas por serem homens e sujeitos ao erro, seus relatos continham incoerência. Sendo assim ainda contribuiriam para que outros tivessem um melhor entendimento sobre Deus.

O neo-ortodoxo é admirado pela sua ampla visão de que ela tem grandeza de Deus. Então as Sagradas Escrituras do seu próprio testemunho de ser a Palavra revelada através do Espírito Santo. E isto aconteceu porque o Senhor entendeu a limitação humana. A neo-ortodoxia não tem explicação apropriada para os relatos bíblicos. Os pais dessa teoria foi Karl Barth (1886-1968) e Emil Brunner (1889-1966), (Arnold e Beyer 2001, p. 24).

Segundo Arnold e Beyer (2001, p. 24), a teoria do Ditado era como se o próprio Deus realmente ditado suas Palavras aos escritores. O Senhor chamou alguns homens e lhe presenteou com suas Palavras. Esses homens escreveram somente o que Senhor falou a eles. Esta teoria não se apresenta em muitos escritos, mas é comum em alguns meios de cristãos conservadores.

As Sagradas Escrituras apontam que, em certos momentos, Deus pode ter falado a escritores humanos mensagem de modo preciso (Jr 26.2, Ap 2.18), mas em outras oportunidades, ele autorizou o homem a declarar sua personalidade de acordo com o que escreviam (Gl 1.6, 3.1, Fp 1.3, 4.8) e, mesmo assim, o Espírito de Deus testemunhou que a obra completa, falava cuidadosamente a vontade de Deus. Sendo assim, a teoria do ditado clareia alguns destaques bíblicos.

Teoria da inspiração limitada declara que Deus inspirou a mente dos escritores bíblicos, mas não obrigatoriamente. Ele os dirigiu de acordo com que iam escrevendo, com liberdade de declarar os pensamentos dividimos de acordo com sua forma. Por causa das circunstâncias os detalhes históricos podem conter erros, mas, no entanto, o Espírito de Deus e livrou de erros doutrinários das Sagradas Escrituras, protegendo a mensagem divina. A teoria da inspiração limitada

compreende que as Sagradas Escrituras têm certas passagens difíceis de entender, mas será que dizer que contém erros é o certo?

A Escritura dá amplo destaque a detalhes históricos. Na palavra de Paulo aos Romanos 5.12-21, tem como exigência a crença no aspecto histórico de Adão. O próprio Jesus falando em Mateus 12.41 deixa claro que o livro de Jonas não é unicamente uma parábola, mas que um profeta pregou para o povo da cidade de Nínive. A arqueologia tem sido de grande ajuda para resolver certos problemas encontrados em registros bíblicos. Durante o tempo que se aguarda por mais evidências que esclarecem esses contratempos, parece excelente admitir que a Bíblia em um todo é totalmente confiável.

A teoria da inspiração verbal-plenária como as outras ela declara que o Espírito Deus agiu mutualmente com os escritores com o objetivo de formar os manuscritos bíblicos. A palavra verbal e plenária falam do conteúdo em particular que essa teoria da inspiração. Verbal descreve a Palavra de Deus inspirada e estende-se a cada termo escolhido pelo autor. Mas não é o mesmo que a teoria do ditado. Os autores tinham liberdade para escolher os termos que seriam usados, Deus permitiu suas individualidades enquanto escreviam. Mas eles foram conduzidos no processo de maneira que o resultado final transmitisse fielmente o conteúdo desejado por Deus. Plenária é o mesmo que cheia ou completa ela declara que a inspiração de Deus se estende por toda escrita de Gênesis a Apocalipse. Deus direcionou os autores tanto quanto eles escreviam de formas detalhadas tanto em questão histórica quanto doutrinária. A inspiração verbal-plenária afirma que Deus inspirou toda Escritura. Essa inspiração abrangeu as palavras escolhidas pelos autores, mas o Senhor os deu liberdade para escreverem de acordo com seus estilos e costumes. Mas os orientou para que o resultado final mostrasse com fidelidade a mensagem celestial (ARNOLD E BEYER. 2001, p. 24).

1.2 AUTORIDADE DAS ESCRITURAS

A palavra autoridade vem do latim *autoritas*, derivado autor causas, patrocinador, promotor, fiador. Objetos também podem possuir autoridade, por

exemplo, um livro pela concordância de muitos e por usar palavras de autoridade e a Bíblia a possui em absoluto, pois está baseada em si mesma.

A autoridade das escrituras significa que todas as palavras nas Escrituras são palavras de Deus, de modo que não em alguma palavra da Bíblia ou desobedecer a Ela é não crer em Deus ou desobedecer a Ele. (GRUDEM, 1999, p.44)

A autoridade nas Sagradas Escrituras significa que todas as Palavras são diretamente reveladas por Deus, não crer ou não obedecer é fazê-lo contra o próprio Deus. Há muitas declarações nas Escrituras afirmando que todas as palavras da Bíblia vêm de Deus (mesmo que tem sido escrito pelo o homem). O fato de o homem ser o veículo transmissor da Palavra não muda o fato por que é Deus que está na direção da sua Palavra. No Antigo Testamento isso acontece com regularidade Deus usa o homem como profeta, portador da Palavra de Deus, para anunciar com autoridade absoluta. Quando o profeta falava todos sabiam que vinham de Deus, não dar crédito ou desobedecer era desobedecer ao próprio Deus (Dt 18.19, 1Sm 10.8; 13.13-14; 15.3; 19.23; 1Rs 20.30; 36)

No Novo Testamento diversos episódios mostram que o Antigo Testamento é a Palavra de Deus (2 Tm 3.16, NVI): “Toda a escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para repreensão, correção, e para instrução na justiça”. A própria Bíblia justifica sua autoridade. O apóstolo Pedro em seus escritos disse aos seus leitores para que tivessem atenção cuidadosa, como as Escrituras, pois nenhuma de suas palavras era vinda da vontade humana, mas antes homens falaram da parte de Deus dirigidos pelo o Espírito Santo. O apóstolo nunca negou a participação humana, mas deixava claro que a fonte definitiva da autoridade vinha da ação do Espírito Santo de Deus na vida do homem.

A base da autoridade das Escrituras está na sua suficiência de nos fazer crer nela e obedecer, fazendo assim um veículo entre Deus e o Homem, e essa obediência o leva a fé que o aproxima do próprio Deus. Toda autoridade da Bíblia está baseada sobre o forte alicerce de verdade sobre Deus, ele não pode mentir, assim a Palavra totalmente confiável. Portanto toda a Palavra de Deus é verdadeira, chega à conclusão que não há inverdades ou erros nas suas palavras. “As Palavras do Senhor são puras, são como prata purificada num forno, sete vezes refinada” (Sl

12.6, NVI), não são algumas palavras que são verdades na bíblia, mas todas elas são verdade, a Palavra está alicerçada no céu por toda eternidade.

As Escrituras são o padrão definitivo da verdade, em João o próprio Jesus ora dizendo: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade.” (João 17.17, NVI), pois a própria mostra a sua autoridade e verdade, ela não é simplesmente verdade ou contém alguma verdade, a Bíblia é a verdadeira Palavra de Deus com completa autoridade. Para nós é importante saber que a Escritura é historicamente precisa, tem harmonia interna, tem profecia que se cumpriram anos mais tardes, suas influencia na história humana vem fazendo a diferença, pessoas tem encontrado salvação através dela, pois a Bíblia tem os seus ensinamentos a bela, harmonia e profundidade, que, em nenhum outro livro contém, ela pode afirmar centenas de vezes que a palavra de Deus é absoluta autoridade. Por que a bíblia tem autoridade? Por ser a palavra inspirada por Deus. (GRUDEM, 1999, p. 44-54)

De acordo com Costa (1998 p. 127-128) a autoridade da Escritura Sagrada é o motivo pelo qual a faz totalmente confiável e digna de respeito, as Escrituras não dependem de declarações de homens ou igrejas, mas depende somente do Senhor Deus, que é o próprio autor; Por isso as Escrituras têm que ser aceitas por ser a Palavra de Deus. A autoridade da Bíblia é vinda do fato de ser a Palavra de Deus, por isso, sua afirmação é interna e óbvia que indivíduos não creiam. Ela não precisa de teste nenhum para ter autoridade pois ela é a própria autoridade (1Ts 2.13; 2Tm 3.16; 2Pe 1.20,21; 1Jo 5.9) é Deus autor das Sagradas Escrituras é ele quem concede a autoridade.

1.3 INERRÂNCIA DAS ESCRITURAS

A Inerrância é um vocábulo teológico utilizado por cristãos para interpretar as particularidades das Sagradas Escrituras, pois eles acreditavam que as boas novas não vieram apenas por Jesus Cristo, mas também por meio das Sagradas Escrituras. (BROWN, 1998, p. 54).

A definição em termos simples significa que a Bíblia [...] sempre diz a verdade a respeito de todas as coisas que trata. Essa definição não significa

que a Bíblia nos comunica todos os fatos que podem ser conhecido acerca de certo assunto, mas afirma que tudo o que diz acerca de qualquer assunto é verdade. (GRUDEM, 1999, p. 59)

O princípio da inerrância sustenta que a Bíblia é a palavra de Deus e que ela é autoridade absoluta na qual ela se sustenta. Ela é o padrão da verdade e em suas Palavras não existem inverdades, pois ela não pode mentir por ser a Palavra de Deus ao homem. Pois não crer ou desobedecer a Bíblia é desobedecer ao próprio Deus. A Palavra de Deus é a autoridade máxima e tem total credibilidade, apesar de ser escrita pelo homem, ele é o veículo transmissor da Palavra, mas é Deus que está na direção. Com todas essas características que a Bíblia tem que a faz autoridade absoluta, com toda sua harmonia, temos então requisito para definir a inerência bíblica das Escrituras. As Sagradas Escrituras nos originais não afirmar nada contrário aos fatos. Isto mostra e serve de base para afirmar que a Bíblia só diz a verdade em todos seus assunto, ela não só diz a verdade ela e a própria verdade.

Grudem (1999, p.59) afirma que a Bíblia pode ser inerrante e ainda assim usar a fala comum, ela pode falar que o sol nasce e que a chuva cai, porque pela visão de quem fala e o que está acontecendo. Do ponto de vista do observador. De acordo com este ponto de vista fala que o sol nasce e chuva cai está em perfeita sintonia, pois esta descrevendo os fatos com autenticidade. Essas observações se estendem as contagens, e as medidas, essas observações não acompanhadas de preocupação, pois a Bíblia é completamente autêntica em tudo que diz, e emprega uma linguagem de fácil compreensão para descrever seus fenômenos naturais, ou para fornecer números aproximados ou redondos de acordo com cada situação.

Pode haver uma linguagem gramatical em comum e pouco usual nas Sagradas Escrituras, os escritos bíblicos contém uma linguagem comum, pois assim consegue alcançar a todos. Quanto a gramática ou a grafia nada disso pode mudar ou alterar a fidelidade do conteúdo da Bíblia, pois ela é inerente e completamente verdadeira. A Bíblia é a única autoridade em questão de fé e prática umas das contradições mais comuns acontece através daqueles que falam que os objetivos das Sagradas Escrituras é ensinar a questão da fé da prática em relação com o papel ético de cada indivíduo. A resposta a esta contradição pode acontecer do seguinte modo: A Palavra afirma várias vezes que toda a Escritura é proveitosa (2Tm 3.16) e que ela é toda “inspirada por Deus”. Assim ela é absolutamente pura

(Sl 12.6), perfeita (Sl 119.96) e verdadeira (Pv 30.5). Ela mesma não faz limitação quanto a nenhum assunto, pois fala de todos com absoluta verdade.

O Novo Testamento contém declarações a fidelidade da Bíblia por todas as partes das Sagradas Escrituras. De acordo com Romanos 15.4 Paulo diz que serve ao Senhor acreditando em tudo que está escrito no Antigo Testamento. Não existe nas Sagradas Escrituras alguma parte que não se deva acreditar, pois é a verdade em tudo que fala. Os autores do Novo Testamento confirmaram e citam sua autenticidade minuciosamente do Antigo Testamento. Nos detalhes históricos citados pelos escritores do Novo Testamento falam sobre fé e prática e no Antigo Testamento também trata dos detalhes de fé e prática então essa contradição deixa de ser contestada pela inerrância, pois a própria Bíblia se confirma.

A inerrância valoriza o aspecto divino e desvaloriza o aspecto humano essa colocação é levantada pelos que justificam que a inerrância dá tanto destaque divino das Escrituras que menosprezam o aspecto humano. Pois a Bíblia possui os dois aspectos, a escrita e humana, mas o conteúdo do texto é divino, o Espírito de Deus, foi que supervisionou toda obra e por isso a Bíblia é inspirada e tem autoridade absoluta e inerrante como também é suficiente. Incluindo as partes históricas e científicas a Bíblia está totalmente livre de contradições (GRUDEM, 1999, p. 58-65).

1.4 SUFICIÊNCIA DAS ESCRITURAS

Definição de suficiência nas Sagradas Escrituras fala que a Bíblia é suficiente e diz que suas Palavras são divinas e que Deus a deu ao homem de uma maneira perfeita e totalmente confiável, com esta definição destaca que só nas Sagradas Escrituras se encontra a Palavra de Deus para o homem. E que esta Palavra é o suficiente e que ela é a revelação, que instrui ao homem e o faz sábio, além de ser o caminho da salvação. As outras referências que indicam a suficiência da Palavra para ensinar a ter uma vida de fé. O apóstolo Paulo identificou que um dos fins para qual Deus entregou sua Palavra foi para ensinar, para que sejamos prontos para toda boa obra, pois é através da Palavra que acontece essa capacitação, pois é poderosa para instruir e capacita ao homem.

Podemos definir assim suficiência das Escrituras: dizer que as escrituras são suficientes significa dizer que a Bíblia contém todas as palavras divinas que Deus quis dar ao seu povo em cada estágio da história da redenção e que hoje contém todas as palavras de Deus que precisamos para a salvação, para que, de maneira perfeita, nele possamos confiar e a ele obedecer. Esta definição enfatiza que só nas escrituras devemos procurar as palavras de Deus para nós. Também nos lembra que Deus considera que o que ele nos disse na Bíblia é suficiente para nós e que devemos nos alegrar na grande revelação que nos deu, contentando-nos com ela. (GRUDEM, 1999, p. 86)

Os ensinamentos da suficiência não significam que Deus não possa acrescentar mais palavras aquelas que já foram ditas e sim que não cabe ao homem, por sua própria vontade, este papel, pois a Palavra deixada por Deus nas Sagradas Escrituras garante a redenção do homem sendo Ela fonte de conhecimento da pessoa de Deus através da qual Ele se revelou ao homem.

Na verdade, a suficiência das Sagradas Escrituras é de extrema importância na vida de cada cristão em particular, pois ela nos permite buscar através da Palavra de Deus resposta para todos os questionamentos, porque é especificamente para o homem. A doutrina da suficiência das Sagradas Escrituras não indica que Deus não possa mais incluir escritos na sua Palavra e sim que o homem jamais deve fazê-lo por sua própria conta. Deus não deu outra Palavra fora das Sagradas Escrituras, pois ela é a fonte. A suficiência tem aplicações na vida cristã, ela nos encoraja a tentar encontrar a vontade para vida cotidiana, ou para solucionarmos algum problema, pois através dela somos orientados a ter esperança, pois que por meio de Deus nos dará a solução para o problema.

Ao longo do tempo a prática contínua das Sagradas Escrituras resultará em grande habilidade em achar respostas certas, dadas por Deus de acordo com as Sagradas Escrituras. A suficiência das Escrituras faz lembrar que o homem não pode acrescentar nada à Palavra de Deus, e nem fazer meras comparações a outros escritos, pois a Bíblia é a Palavra do próprio Deus e está acima de tudo por sua autoridade ser absoluta. Até mesmo seus leitores precisam ter cuidado para não irem além, baseando-se em especulações. Para Grudem (1999, p.89), a suficiência também nos fala que Deus não exige que acreditemos nele ou em suas Palavras. Pouco importa para a vida cristã que jamais tenhamos aproximação de documentários e que jamais os estudemos. Pois o que importa é que temos a Palavra e tudo que precisamos, saber, aprender está na Palavra poderosa de Deus.

Grudem (1999, p.90), enfatiza que a suficiência das Escrituras nos faz ver que nenhuma revelação é nova e que a Bíblia não pode ser comparada a nenhum outro livro na questão de autoridade. É necessário ter cuidado com as inovações que usam dizem que o Senhor confiou a eles tal revelação para ajudar a igreja, jamais podemos comparar o teor desta revelação: as Sagradas Escrituras. Sendo assim, Deus não requer de ninguém que o obedeça, mas que obedeça às regras morais em que haja comprovação bíblica. Tudo o que precisamos saber está bem definido nas Sagradas Escrituras por que é perfeita, e nos ensina a confiar e obedecer.

Com relação a vida cristã, a suficiência das Escrituras nos lembra que não existe pecado que não seja proibido pela Palavra de Deus, quer diretamente ou explicitamente. Andar de acordo com a Palavra e ser justo (Sl 119,1), não se deve aumentar proibições aquelas já existentes na Palavra de Deus, por isso o cristão jamais pode abandonar a prática da leitura da Palavra, pois é ela que ensina e instrui o homem no caminho que ele deve andar, sendo que se estiver de acordo com a Palavra não viverá debaixo de regras ditadas por homens. De acordo com a Palavra devemos obedecer ao que realmente estiver em concordância com a Palavra de Deus.

O homem deve alegrar-se na suficiência das Sagradas Escrituras e na grande revelação que ao homem foi confiada de maneira que ele pode se conectar a ela, pois é por meio dela e através dela que o homem pode ser salvo, assim como diz: “Por sua decisão ele nos gerou pela palavra da verdade, para que sejamos como que os primeiros frutos de tudo o que ele criou” (Tg 1.18, NVI), refere-se a sabedoria mediante a fé: “Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15, NVI) e ainda cita a palavra como viva e infalível: “Pois vocês foram regenerados, não de uma semente perecível, mas imperecível, por meio da palavra de Deus, viva e permanente” (1Pd 1.23, NVI). Ela é o suficiente para capacitar na sua caminhada cristã e capacita o homem, pois o instrui para toda boa obra e essas estão contidas nas Sagradas Escrituras por que é através dela que se recebe a capacitação. Pois ela é o espelho que reflete a fragilidade humana. A Bíblia não dá resposta para todas as perguntas, mas responde a todas as dúvidas, isso significa

que a Palavra é um porto seguro em meio a tempestades, sendo só por meio dela que se obtêm respostas.

A suficiência das Escrituras nos recorda sobre nosso ensino doutrinário e ético, sendo assim a Bíblia destaca e fala de acordo com que ela ensina, porém não existe a necessidade de foco naquilo que não foi revelado e que a Palavra nunca perderá a sua autoridade por não ter sido revelada a nós, pois é suficiente para nos ensinar, exortar e consolar (GRUDEM, 1999, p.86-92).

1.5 PRINCIPAIS ESCOLAS DE INTERPRETAÇÃO TEOLÓGICA

Todos os pontos de vista abordados até o momento são ortodoxos, que representa o método clássico de interpretação da Bíblia. A história da interpretação bíblica e suas principais escolas não serão avaliadas neste trabalho, pois não é o objetivo desta pesquisa, no entanto um breve ensaio se faz necessário para lembrar que ao longo da história houve propostas concorrentes quanto à veracidade e confiabilidade das Sagradas Escrituras, assim como sua aplicação na vida moral e espiritual do cristão. Existem pelo menos três grandes escolas de interpretação bíblica, a saber, Ortodoxa, Liberal e Neo Liberal.

A Ortodoxia foi a base de uma igreja com doutrina semelhante à da Igreja católica tradicional, quando se opôs a Roma entre os séculos IX e XI. A ortodoxia reconhece a Bíblia como sendo a única regra de fé, o que por sua vez não tem no papa autoridade final sobre a igreja. Ela mantém a base nas Escrituras Sagradas acreditando ser a suprema revelação de Deus para o homem, porém ela acredita que a autoridade das Escrituras provém da igreja cabendo somente a ela interpretá-la, pois acreditam que partes das Escrituras estão longe da clareza e pode ser um risco ao indivíduo interpretá-la sozinho. A ortodoxia reconhecia a trindade como uma verdade de profunda importância prática para cada cristão (ECCLESIA, 2003), Sawyer (2009, p. 266) diz: “Em sua plenitude, portanto, Deus é tanto trindade quanto união. É com base nesse relacionamento interpessoal que a igreja deve refletir o ministério da trindade.”

O liberalismo teológico foi um movimento iniciado no séc. XVI que, recebendo forte influência do Iluminismo passou a considerar a Bíblia como sendo um livro sem

inspiração divina, carregado de mitos e lendas, que aos poucos foram sendo incorporados à tradição Bíblica.

O pai da teologia liberal é chamado Friedrich Schleiermacher (1768-1834), ele é também o pai da hermenêutica moderna. Segundo ele, deve-se entender o texto tão bem quanto o autor e depois, melhor que ele. No entanto, lia a Bíblia como um produto puramente humano, e, portanto, esta não era nenhuma norma de vida. Para Schleiermacher (1963 apud SAWYER, 2009 p.439-441) a experiência de cada um determina a autenticidade da experiência religiosa (e com Deus), em consequência disto, todas as religiões são de certo modo puras, pois todas elas buscam uma relação direta e genuína com Deus. De todo modo é o sentimento que valida esta relação. O homem é agora o centro da religião. Cada um pode ter a sua religião particular. Nenhuma autoridade externa. No que tange à hermenêutica bíblica, o enfoque principal de Schleiermacher não era teológico, mas psicológico. Ele preconizava que os intérpretes da Escritura deveriam tentar entender as ideias de seus autores, que eram simples seres humanos. Daí a não aceitação de que as Escrituras fossem a Palavra de Deus inspirada. Sua pressuposição básica é que existe um único espírito ou consciência comum que une todos os seres humanos e tal espírito possibilita a correta interpretação.

O liberalismo, por sua vez, foi uma tentativa de resgatar alguma coisa das cinzas do cristianismo, consumido pelo fogo iluminista, um movimento que veio de dentro da igreja a fim de manter a essência do cristianismo e defende a liberdade de cada indivíduo através da justificação pela fé, mostrando Jesus como único caminho (1 Tm 2:5, NVI). Sua defesa ia além, tinha a Bíblia como base e apontava os erros do clero da época que estava fora destas bases, mas agora as Escrituras Sagradas se tornam mais populares, principalmente depois de sua tradução por Lutero, o foco do Liberalismo era mostrar a liberdade de cada um em se tratar diretamente com Deus através de seu próprio entendimento na Palavra e iluminado pelo Espírito Santo, pois o homem só seria justificado quando cresse inteiramente na Graça Divina mediante a fé e não por ritos cerimoniais ou por atitudes exteriores, coletivas, ministradas por outros (SAWYER, 2009, p.433-434).

Diferente dos anteriores o Neoliberalismo tem seu início entre os anos 1970 e 1980, focados na lógica capitalista como resolução de todos os problemas. Lopes, 2008, p. 131, afirma:

Não é fácil defini-los porque eles não tomam posição, não se exprimem com clareza. Preferem o caminho da ambiguidade. Você nunca sabe no que um neoliberal realmente acredita, nem quando fala, nem quando escreve. Consideram quase toda a Bíblia mito, mas não saem de nosso meio, ensinando as pessoas a desacreditarem nas Escrituras Sagradas, pregando contra os ensinamentos de Jesus e dos apóstolos

Não acreditam na “ressurreição, [...] curas divinas, [...] inspiração da Bíblia, [...] onipotência, onisciência e onipresença de Deus [...]” (LOPES, 2008, p.131).

2 REFORMA PROTESTANTE

A igreja primitiva instituída por Deus através de seu filho Jesus, foi uma base forte, colunas que o tempo, por si só, jamais foi capaz de destruir. Jesus sendo base desta instituição divina, baseado nas Escrituras, amou a todos, curou a muitos e discipulou, estabelecendo aqui os pilares para a continuidade da propagação do evangelho no mundo, o qual era seu chamado. Os apóstolos aprenderam e obedeceram ao que lhes foram ensinados: “Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações” (At 2.42, NVI), eles aprenderam com o mestre que só um bom pastor conhece as suas ovelhas e dela é conhecido.

A Reforma Protestante trouxe muitas mudanças e algumas delas estavam em tirar das mãos da igreja católica, do papa, a instabilidade, pois para ela tudo estava no seu devido lugar principalmente pelo fato dela centralizar seu poder e o povo que bancava seu status através do próprio suor, comprando as indulgências estabelecidas pelo papa que se agradava em ser considerado cabeça da igreja.

Mas a condição da igreja era intolerável por estar totalmente corrompida e não vivia e nem se portava como a igreja dos primórdios, pois aceitavam a entrada de muitos pensamentos filosóficos e litúrgicos. A reforma tinha em suas bases o desejo de trazer de volta a igreja a suas origens e descentralizar o papado do poder e colocar as Sagradas Escrituras nas mãos de cada cristão.

Devido ao grande crescimento da Reforma Protestante a igreja católica tentou de todas as formas vedar este movimento tentando limitar sua influência e por expor a ridicularizado que igreja assumia se portando como uma prostituta e negociando seus valores, com isso levantou a Contra Reforma para reconstruir suas bases, destruídas pelo protestantismo, através de uma reforma interna buscando rever suas posturas tentando acabar com as causas da crítica protestante, porém não teve o êxito esperado, surge então, segundo Seffner (1993, p.61-65), o Concílio de Trento para apoiar o movimento perdido e intermediar sua reestruturação esclarecendo suas práticas e o pensamento da igreja, bem como defendê-los e também limpar sua imagem que se encontrava deturpada diante da sociedade, conseguindo assim alicerçar suas bases e remodelar suas práticas.

A Reforma trouxe consigo grandes mudanças sociais, políticas e religiosas, não se conformando com os erros e corrigindo-os baseados nos ensinamentos de Deus através das Sagradas Escrituras, na qual traz para o homem o caminho no qual deve andar e basear sua vida.

2.1 O DESVIO MORAL DA IGREJA

A igreja que antes crescia em meio ao fogo da perseguição que tinha como estrutura a Palavra de Deus, sua coluna de sustentação, era a igreja vivida pelos apóstolos, aqueles que não só acreditaram, mas também participaram da própria Palavra, vivendo e até mesmo dando a vida por ela afim de que o evangelho pudesse ser proclamado de maneira que todos os homens pudessem ser alcançados através das Sagradas Escrituras. A igreja do século XVI havia abandonado o sacrifício dos apóstolos em manter a chama do avivamento e o foco nas Escrituras Sagradas, por isso fez-se necessário a Grande Reforma protestante desta época, que ascendeu a chama da esperança do evangelho, pois a palavra de Deus teve um papel fundamental nesse movimento que trouxe a igreja de volta aos seus antigos preceitos.

A igreja carecia de uma mudança drástica, precisava voltar a sua base de origem na qual se mantinha a palavra como estrutura. Então se levantaram homens corajosos prontos a doar a própria vida se necessário para recolocá-la em seu devido lugar. Lutero, um dos pais da reforma, se prontificou a despertar a igreja para o seu chamado, ele sentia a necessidade de colocar a Bíblia na mão de cada cidadão comum para que os valores das Escrituras fossem reestruturados e assim começou o movimento denominado Reforma Protestante que impactou a vários países fazendo a igreja retornar a palavra e viver a liberdade do evangelho.

2.2 AS RAZÕES DA REFORMA

A igreja estava em crise gerando o descontentamento teológico, espiritual e cultural da igreja católica romana. As vendas de indulgências, a idolatria, a imoralidade, falsas promessas, o Papa como cabeça da igreja e o misticismo foram

os fatores que incitaram sua crise moral, era como um trem fora do trilho. As crises internas das igrejas eram caracterizadas pelo comportamento imoral da parte dos líderes, tudo não passava de prática comum vendas de objetos considerados sagrados, a igreja passou a importar ao rei como uma forma de adquirir poder.

Os Princípios da Reforma Protestante é a própria vida dos protestantes, pois ela faz menção pessoal, espiritual, ascética, comunitária, escatológica, milenarista e monacal. A reforma trata da urgente necessidade de um retorno ao estado de origem, pois o mesmo se encontrava distorcido.

As diversas fases da Reforma Protestante e Reforma Católica deve ser vista como a tentativa de uma nova visão e de um ponto de vista de grande ansiedade e de muitas ilusões e decepções, esta era a situação caótica da igreja. Então Lutero analisa estas questões e a partir de então acontece a reforma, pois a considerava superficiais, por atitudes humanas e não divinas. O objetivo da Reforma era a reestruturação de leis e ritos, pois sua sugestão abrange a área dos estudos da pregação da teologia como seus métodos, autoridades e suas fontes; e para Lutero o cristão deve se basear teologicamente na justificação mediante a fé na graça de Deus prometida em Cristo Jesus.

Os pensadores filosóficos da época trouxeram partes de suas culturas e filosofias e com isto seduziram a igreja levando-os ao afastamento de suas origens trazendo com isto sérias consequências para a noiva de Cristo que já se portava como uma prostituta: negociando seus reais valores. Estes resultados trouxeram muitos prejuízos para a igreja e a mesma foi perdendo sua identidade, ela já tinha perdido contato com suas raízes e já não conhecia mais os seus princípios morais, pois já havia adotado uma vida corrupta, imoral, porém culta e refinada.

A Reforma Protestante não surge de repente, vários fatores a tornou inevitável, entre eles se destacam: A relutância da Igreja Católica Romana em concordar com as mudanças propostas pelos reformadores sinceros, como os pensadores Wycliffe (1328–1384) e Huss (1369-1415), os humanistas, dentre outros, o nascimento das nações estado que se opunham ao poder universal do Papa e a formação da classe média, que se revelou contra as remessas de reserva para Roma, mas com os olhos ao passado, tanto clássico como pagão, fazendo nascer assim uma nova sociedade através destas diferenças.

Por cento vinte anos antes do início da reforma, o fogo do descontentamento teológico, espiritual e cultural da igreja católica romana, já havia se acendido. No século XIV, John Wycliffe (1328–1384), era o líder da reforma, ele havia afrontado a igreja, que acreditava que o Papa era representante visível de Cristo na terra, e que tinha autoridade absoluta de todas as questões terrenas dos seres humanos. Wycliffe (1328–1384) afronta a Sé romana e sua reclamação de domínio sobre o governo civil. Depois que a igreja criticou suas ideias, Wycliffe (1328–1384) assumiu posturas ainda mais radicais, atacando todas as cerimônias não declaradas nas Sagradas Escrituras, ele estava decidido a combater a sede de poder da igreja romana. Ele não aceitava a transferência de poder para organização cerimonial da igreja, pois isto atrapalharia a verdadeira adoração ao Senhor. Ainda no século XIV, durante o exercício, o pontificado romano foi executado por papas despreparados e corrompido fazendo assim a igreja ainda mais fraca e debilitada.

2.3 MARTINHO LUTERO

Sawyer (2009, p.314) diz que Martinho Lutero (1483-1546), nasceu em família muito simples e humilde eram camponeses e recebeu este nome em homenagem ao santo do seu dia de nascimento, São Martinho, ele teve uma criação bastante severa nas mãos de seus pais, que corrigia cada uma de suas infrações. Apesar da disciplina dura seus pais eram honestos, piedosos e trabalhadores. Eles ensinaram o jovem Martinho a orar e a reverenciar a igreja.

Apesar de seus pais serem camponeses e não terem condição e precisar da ajuda de familiares para o estudo do filho, Martinho (1483-1546) frequentou a universidade de Erfurt, onde obteve um bacharelado e um mestrado. Sawyer (2009, p.314) narra duas crises pessoais de Lutero (1483-1546), primeiramente enfrentou uma crise pessoal, um amigo achegado morreu de modo trágico. Duas semanas depois, teve outra experiência dramática, Lutero (1483-1546) foi passar alguns dias na casa de seus pais. Quando voltava desabou um temporal e um raio o lançou por terra, ele fez um voto a santa Ana que se ele o salvasse ele se tornaria um monge. Passando a tempestade levantou sem nenhum ferimento. Seus amigos pediram que

ele desistisse da ideia, ele também sabia da decepção de seus pais por ele desistir do curso de direito, seu pai sonhava que ele fosse um jurista.

Sawyer (2009, p.314) salienta que Lutero (1483-1546) testifica da ameaça que a ideia da justiça de Deus representava para ele, pois não lhe trazia conforto, e sim condenação. Em algum momento de seu estudo e do seu ensino de Romanos, Lutero (1483-1546) fez sua grande descoberta teológica. Só depois que Lutero (1483-1546) compreendeu justiça como um dom de Deus, em vez de uma punição, foi que seu coração se tranquilizou. Essa foi a experiência da torre para Lutero (1483-1546), uma mudança fundamental em sua concepção da base do relacionamento do homem com Deus. A percepção de justiça de Deus não era punitiva, mas uma justiça que concedia através da fé estabeleceu os parâmetros para a reforma.

A reforma não ocorreu do nada, se Lutero não a tivesse tomado para si outro o faria, pois, o momento era favorável. Foi Lutero (1483-1546) que assumiu a tarefa e se tornou um dos pais de todo o protestantismo. Martinho (1483-1546) conhecia a necessidade de reforma da igreja, de voltar as Escrituras, graça e a fé como tripé para salva a igreja da sua triste condição.

Lutero (1483-1546) mostra a reforma como uma instrução religiosa, como um caminho a ser seguido de maneira correta, ele fez com que os ensinamentos fossem entendidos, não mediante a visão dos homens, mas mediante a Graça a Deus e através dela. As mudanças conceituais podem ser nitidamente vistas, porém quando se repara a dupla fonte que a sustenta.

A reforma era uma necessidade de todos não só de Lutero (1483-1546), ele sentia essa necessidade que já era reflexo do distanciamento da igreja, a situação era crítica. A Reforma foi uma volta aos princípios que jamais deveria ter sido esquecidos, um retorno à palavra de Deus, era um convite para voltar às origens, tirar o misticismo e pragmatismo do meio da igreja. Ele entendeu o erro que era confiar nas mãos humanas para alcançar a graça Deus. Então se acende o estopim da Reforma (SAWYER, 2009, p. 314-317).

2.4 FILIPE MELÂNCTON

Sawyer (2009, p.317), afirma que a segunda figura importante da reforma luterana foi Filipe Melâncton (1497-1560). O menino prodígio, ele alcançou a posição de professor de Novo Testamento em Wittenberg com idade de 20 anos. Lutero ficou impressionado com ele, desde o início, eles se tornaram amigos e colaboradores. Enquanto Lutero recebeu o título de “Reformador da Alemanha”, Melâncton (1497-1560) era conhecido como “professor da Alemanha”. Teologicamente, ele se encontra numa posição mediadora, entre Lutero e Calvino na Suíça. Como erudito humanista, Melâncton (1497-1560) perdia apenas para Erasmo (1466-1536), contudo em algumas áreas até o superava.

Diferentemente de Lutero (1483-1546), não passou por nenhum conflito espiritual. Na verdade, foi educado numa atmosfera de piedade: reverenciava a igreja e estudava as Escrituras continuamente. Ele foi o mais humanista dos reformadores luteranos. Era um homem de espírito tranquilo sempre interessado na reconciliação com Roma. Lutero (1483-1546) e Melâncton (1497-1560) eram de temperamentos opostos: um preenchia as lacunas do outro. Melâncton (1497-1560) via Lutero (1483-1546) como uma figura paterna; Lutero, por outro lado, foi cativado pela erudição (SAWYER, 2009, p. 317-318).

Para Sawyer (2009, p. 320), A reforma protestante, foi algo que marcou o cristianismo e a história, a igreja que tinha nascido na pureza da palavra e na sua verdade, começou a aceitar tudo que lhe era proposto pelo pela igreja romana, o povo que era considerado o Israel espiritual, já convivía com o pecado, a idolatria, a e a decadência moral da igreja de sua época.

O primeiro princípio para o qual eles deveriam voltar era para as Escrituras era a única forma de retornar aos antigos costumes sobre a Palavra de Deus que é a fonte inesgotável da verdade.

Neste ínterim, ele foi convencido pelo ensino de Agostinho (354-430), segundo qual a salvação vem pela graça de Deus através de Jesus, e não por esforço humano, ou seja, pelas indulgências compradas pela igreja católica romana, também se convenceu da necessidade de colocar uma Bíblia na Mão de cada cristão comum, pois só a igreja tinha acesso as Escrituras. Ao agir desta maneira ele adiantou a teoria da justificação pela fé de Martinho Lutero (1483-1546) e tradução das Sagradas Escrituras para a língua do povo. Apesar de Wycliffe (1328–1384)

estar isolado em a prisão domiciliar, seu ensino recebeu total atenção, na Inglaterra, e em todo continente europeu. A sua mensagem foi integrada a pregação de John Huss (1369-1415), professor universitário e sacerdote em Praga. Huss (1369-1415) afirma com determinação que era Cristo o cabeça da igreja e não o Papa. Huss (1369-1415) tornou-se um grande líder nacionalista e também uma pessoa de autoridade espiritual.

O escolasticismo segundo Sawyer (2009, p. 311-312), era o método teológico e autoritário no período final da idade média. Como técnica teológica, pretendia organizar todo entendimento em torno de uma ideia integrada e, assim completa as lacunas de conhecimento lógico. A semelhança entre estes dois pensamentos do humanismo e o Escolasticismo não era um sistema de fé, mas um modo usado para cumprir a tarefa teológica e organizar seus resultados. Como sistema, procurava mostrar racionalidade do cristianismo.

Além de líderes como Wycliffe (1328–1384) e Huss (1369-1415), entraram em ação e juntaram forças preparando assim o caminho para a reforma. Entre essas forças estava a ascensão do Humanismo e o declínio do Escolasticismo. O humanismo remete a cosmovisão que coloca o homem no centro de tudo e menospreza todo pensamento sobre ou de revelação divina. No entanto nem sempre foi assim, quando o humanismo surgiu renascença era uma linha de estudo que ressaltava a humanidade em oposição à lei canônica (SAWYER, 2009, p. 311-312).

2.5 RESULTADOS DA REFORMA

Os alicerces da velha sociedade medieval estavam desmoronando e uma nova sociedade estava nascendo com uma vasta dimensão geográfica e com mudanças nos padrões políticos, econômicos, intelectual e religioso, mas este nascimento acontece lentamente sendo totalmente revolucionários, por sua força e por seus objetivos sobre a ordem social.

Segunda Cairns (2008, p. 248), grandes mudanças ocorreram no campo da política. O conceito medieval de um estado universal estava dando espaço para um novo pensamento de nação estado. Os estados em decadência na idade média

começaram a se preparar em bases nacionais, estas nações-estado tinham poder centralizado e com governos fortes, provida de uma força militar e civil, opondo-se ao domínio do poder religioso universal.

Na área econômica, Cairns (2008, p. 249) salienta que ocorreram algumas mudanças antes da reforma. Durante a idade medieval a economia dos países da Europa estava sustentada na agricultura, dessa maneira o solo era sinônimo de riqueza. O comércio converteu em internacional aquilo que era interurbano, surge então a hipervalorização do lucro, porém a classe média capitalista não se interessava em mandar suas riquezas para a igreja universal sob autoridade do Papa.

Cairns (2008, p. 249), complementa que na área social também ocorreram mudanças significativas, pois era uma sociedade de organização social horizontal, não havia mudanças individuais de classe, como por exemplo: um filho de uma escrava não tinha a chance de mudar de situação sendo sua única chance de mudança se este fosse servir na igreja, porém foi sucedida pela organização vertical, pois assim era possível alguém da classe baixa elevar sua posição na classe social. Com a servidão chegando ao fim, surge a classe média, que não existia na sociedade medieval, formada principalmente por proprietários livres, pela pequena nobreza do campo e pela classe mercantil. Em linhas gerais a classe média apoiou-se nas mudanças trazidas pela reforma.

As transformações causadas pela Renascença favoreceram as mudanças intelectuais, o que beneficiou o movimento do protestantismo. O real interesse pelos estudos das origens levou os humanistas cristãos ao estudo das Sagradas Escrituras nas línguas originais, desta maneira as desigualdades entre a igreja do Novo Testamento e a igreja Católica tornaram-se mais evidentes e estas eram totalmente contrárias a organização eclesiástica da Idade Média e ao Papado (CAIRNS, 2008, p. 249).

Um fator importante no ensino cristão era de que a salvação era individual, uma relação entre Deus e o homem sem intervenção do mesmo como mediador. O censo crítico da Renascença foi o meio usado pelos reformadores para defender sua crítica hierárquica e os sacramentos em comparação com as Escrituras Sagradas. Na Itália a Renascença teve contornos humanistas e pagãos, a disposição que

gerou foi declarada no norte da Europa pelos humanistas e reformadores cristãos para defender os estudos das Sagradas Escrituras no original como documento principal da fé cristã.

Cairns (2008, p. 250), diz que de acordo com cada acontecimento também ocorriam mudanças e estas alcançaram também a área religiosa. A uniformidade religiosa da Idade Média teve início no século XVI, surgindo assim uma variedade religiosa. A “túnica sem remendos” da igreja Católica romana, internacional e universal estava em retalhos como já havia acontecido antes em 1054, que resultou no surgimento das igrejas protestantes nacionais ou independentes estas igrejas estavam sobre o domínio dos governos das nações estados. Só em 1648 é que a denominação e a liberdade religiosa aconteceram.

A autoridade da Igreja Romana foi sucedida pela autoridade das Sagradas Escrituras, que qualquer homem, por mais humilde que fosse, poderia ler com liberdade. O cristão particularmente, agora seria seu próprio sacerdote na sua vida religiosa em união com Deus, depois de receber seu filho como único e suficiente salvador, mediante a fé.

As mudanças no campo religioso não foram menos significativas do que as que aconteceram na civilização europeia ocidental.

O que foi a “Reforma”? Segundo alguns historiadores católicos romanos denominam-na como a revolução dos cristãos contra a igreja universal, mas em contrapartida os historiadores protestantes a conceituam como a reforma que trouxe de volta a vida religiosa a suas origens e raízes da igreja primitiva, encontradas no Novo Testamento. O historiador secular a considera como um movimento revolucionário. A partir de uma visão política ou da administração eclesiástica a Reforma é entendida de maneira errônea, pois é vista como uma revolta a soberania da igreja de Roma e ao seu líder, o Papa. Mesmo reconhecendo que a reforma teve uma característica revolucionária, isto não quer dizer que a igreja essencialmente se restringe a Roma (CAIRNS, 2008, p. 250).

Os reformadores, e vários outros que vieram antes deles, procuraram, mas foram malsucedidos ao tentar reformar a igreja católica romana de dentro, mas tiveram que deixar a antiga organização por causa de pensamentos renovadores. Na igreja católica a renovação só veio depois.

O termo “A Reforma Protestante” foi conhecida e consagrada com o tempo. Entende-se que a Reforma foi um apoio para a igreja voltar as suas origens, a pureza original da igreja primitiva. O interesse dos reformadores era de desenvolver uma teologia que ficasse em pleno acordo com o Novo Testamento, eles acreditavam que isto seria possível a partir do momento em que a Bíblia fosse autoridade suprema da igreja. O real desejo dos pais da reforma era que a igreja pudesse voltar as suas raízes encontradas e alicerçadas na palavra de Deus. (CAIRNS, 1984, p. 247-252).

A reforma não se explica de forma tão simples, porque as suas causas são múltiplas e complexas. A reforma tem suas causas derivativas e determinativas. Algumas têm raízes nos séculos anteriores a reforma, quando Roma se opôs a reforma interna e ignorou as novas correntes de oposição externa que lhes trariam tanto problema. As personalidades criativas de alguns líderes da reforma, como Martinho Lutero, Calvino e outros, determinaram a direção tomada. Os líderes da reforma protestante saíram em geral da classe média, enquanto os da contrarreforma vieram da aristocracia. Por isso, a interpretação da reforma adotada nesta obra é uma síntese. Dá a religião o lugar de primazia, mas não ignora os fatores políticos, econômicos, morais e intelectuais, embora secundário. (CAIRNS, 1984, p. 252)

De acordo com Luiz Maria Veiga (1992, p. 2-3), no período da idade média os cristãos da igreja católica a via como a única autoridade espiritual existente e que fora dela não tinha salvação da alma. A igreja tinha concentrado, por anos, um grande poder, não apenas religioso, mas também material e político. Seus comandantes: o papa, os cardeais e os bispos estavam mais preocupados em executar este poder obtendo domínio e aumentando sua influência do que dar estabilidade espiritual ao povo. Eles se viam cada vez mais sem nenhum cuidado por parte do clero, que somente se preocupava com a nobreza.

Os papas estavam em conflitos constantes com os imperados, todos buscavam o poder, político e econômico. Os príncipes, por sua vez procuravam retirar das mãos da igreja o domínio de grandes extensões de terra e vários outros bens.

Veiga (1992, p.2-3), enfatiza que tudo isso se complicou com a grande aflição da idade média, ocorrida por uma série de acontecimentos devastadores: guerra, peste e fome. Este período trouxe uma desesperança sem precedentes. Na Europa

do século XVI era geral a necessidade de se obter algum apoio firme em um mundo que parecia estar desabando, e que muitos acreditavam estar próximo do fim.

Neste período acontecia a venda de indulgências promovida pela igreja que apaziguou essa situação e isso se revelou um ato vergonhoso.

A igreja católica a cada momento se tornava menos confiável. Além das vendas de indulgências havia um comércio de objetos com um provável valor religioso.

E neste momento, o império da Alemanha distribuiu domínio para muitos príncipes e com uma imensa parte de seu território pertencente a igreja e que aparece então um movimento de princípios religiosos e políticos conhecido como a reforma protestante. Martinho Lutero, membro da igreja Católica Romana, revoltado com o vil comércio dos objetos espirituais e preocupado com a salvação da sua alma ascendeu então o estopim de um conflito dividido a união cristã que predominou por toda idade média (VEIGA, 1992, p. 2-3).

O sentimento da Reforma em Lutero acontece quando ele lê Romanos 1:17 (NVI) “o justo viverá pela fé”. Enquanto a igreja pregava a salvação pela indulgência, Lutero entendeu a partir do estudo de Romanos que a Salvação é pela fé somente.

Segundo Veiga (1992, p. 24), a igreja católica romana, uma entidade religiosa que teria que atender as necessidades espirituais do povo europeu no final da idade média, mas estavam preocupados apenas em aumentar o seu poder político e econômico e pouco se importavam com as necessidades de seus fiéis. Mesmo que existisse dentro da igreja o esforço para mudar o estado da igreja, procurando reformar as práticas, combatendo a corrupção e retomando-as com o mundo espiritual.

A falta de sentimentos com que a igreja enfrentou este momento delicado mostra-se no comércio feito com relíquias e indulgências. E faziam a contagem de quantos anos de perdão das penas do purgatório, pois era possível se obtivesse a posse de alguma peça de vestimenta de um dos santos ou com valor da doação para o tesouro da igreja católica romana (VEIGA, 1992, p. 24).

Martinho Lutero, o monge agostiniano, que seria o representante da reforma protestante disse certa vez: “quantas mentiras sobre as relíquias, uma alega possuir uma pena da asa do anjo Gabriel e o bispo diz ter uma chama da sarça ardente de

Moisés. E como pode dezoito apóstolos estarem enterrados na Alemanha quando Cristo tinha apenas 12 seguidores?” (Veiga, 1992, p.24) no império alemão as cobranças eram vindas pelas indulgências, seria para resgatar os empréstimos feitos pelo papa, junto aos bancos. A arrecadação era feita pelo próprio bispo de Brandemburgo, conectada aos banqueiros.

Segundo Veiga (1992, p. 24), desta maneira seria somente para os que poderiam pagar o valor cobrado pela igreja e era a certeza da salvação da alma, isso aumentava a tensão entre os que precisavam de ajuda espiritual e de instrução religiosa. Juntamente com isso, o procedimento escandaloso do clero que vivia em completa oposição com os ensinamentos cristãos que pregavam.

A igreja buscava controlar as manifestações contrárias a ela. As divergências eram classificadas como heresia e conseqüentemente eram punidos com a morte na fogueira. Mesmo sendo combatida de maneira tão cruel a heresia esteve presente durante toda a idade média, rejeitando os dogmas e ritos da igreja, enfraquecendo seu poder. Lutero disse em 1520: “Se fosse uma arte dominar a heresia com fogo, os carrascos seriam os mais sábios doutores da terra” (VEIGA, 1992, p. 24).

Veiga (1992, p. 25) afirma que ao fixar as suas 95 teses na porta da igreja de Wittenberg, elas desencadearam um processo que foi além do que Lutero esperava. Ao provocar o comércio de indulgências e afirmar as necessidades de retornar a fé e as origens do cristianismo, ele reflete o descontentamento com o proceder religioso, ele escreveu: “Os tesouros do evangelho são redes com as quais se pescam riquezas para os homens [...] Os tesouros das indulgências são redes com as quais se pesca para riqueza dos homens”.

Não se pode esquecer que, nesse tempo, o chamado Império Alemão governado por Carlos (também rei da Espanha) e patrocinado pelo papa, era de fato uma unidade política apenas de nome. O que ocorria era que, unidades pequenas eram dirigidas por príncipes e muitas terras pertenciam a igreja. Os príncipes com interesse de reduzir a atuação do papa e a do imperador sobre seus domínios patrocinaram Lutero e suas causas impulsionando a Reforma Protestante (VEIGA, 1992, p. 25-26).

A princípio Roma não se importou com a revolta provocada por um monge agostiniano alemão. As teses vieram a público em 1517, mas apenas em 1520

Lutero foi condenado com dureza por partidários do imperador Carlos V. Depois desta condenação, ajudado pelo príncipe Frederico da Saxônia que o refugiou no castelo de Wartburg, onde fez a tradução do Novo Testamento do Grego para o alemão e escreveu folhetos criticando a igreja e sua conduta leviana.

Veiga (1992, p. 26), esclarece que foi justamente o afastamento de Lutero que a reforma ganhou aspectos mais radicais, com diferenças no culto, a destruição das imagens nas igrejas. Lutero era um padre alemão, ele não tinha a intenção de dividir a igreja, mas queria mudá-la de dentro para fora por que ele conhecia a condição de declínio vivida pela igreja. Mas na tentativa de protestar contra os abusos praticados pela igreja através da divulgação das 95 teses, ele queria que a igreja revesse seus valores. Mas foi inadiável a divisão entre a igreja Católica e a reformada.

Em 1522 com o término do exílio. Lutero voltou ao cenário da cena pública preocupado em amenizar o ímpeto daqueles que falavam que defendia as ideias, mas estavam se equivocando na maneira de anunciá-las, pois estavam criticando o próprio império. Pois havia uma pequena nobreza, que, diferentes dos príncipes não tinham posses de terras e nem outros bens. Beneficiando se da insegurança existente, dizendo ser seguidora de Lutero, o seu desejo era a unificação do império (em oposição ao domínio aparente de Carlos V) e a divulgar a nova fé, essa pequena nobreza agora arruinada rebelou-se. Pois os príncipes depois de tomarem posse das terras da igreja com incentivo de Lutero, tornando as partes de seus domínios, pois tiveram que encarar uma série de revoltas do povo do campo que começou em 1524 e que continuaram com alguns intervalos até 1536 provocando milhares de mortes. Tanto a pequena nobreza quanto o povo do campo diziam estar se baseando nas ideias de Lutero. Estes se mantiveram fiéis aos príncipes, proclamou que se devia obedecer a sua autoridade, confirmando ser esta obediência a vontade de Deus, e se pronunciaram com uma firmeza exagerada, pois a crueldade em frente das revoltas camponesas, exortando a repressão (VEIGA, 1992, p.26-27).

Veiga (1992, p. 27), esclarece que as ideias da reforma são básicas, mas servem de alicerce e sustentação para a reforma protestante: justificação pela fé, o sacerdócio universal e a infalibilidade baseada exclusivamente nas Sagradas

Escrituras. Ao enfatizar a justificação pela fé, Lutero estava negando qualquer valor que tivesse uma boa obra perante o Senhor. Desta maneira o homem poderia esperar salvação para sua alma, não por atitudes que tivesse, mas exclusivamente por sua fé na graça infinita de Deus. A salvação não seria uma atitude determinado por ações humanas, mas uma sentença dada por Deus. Sendo assim não tinha nenhum valor a permissão para a venda de indulgências feita pela igreja, pois não cabia a ela a mudar a vontade de Deus.

Sacerdócio universal contrapunha a ideia da igreja visível, ou seja, como uma instituição, a ideia da igreja invisível, a reunião livre e voluntária de todos os fiéis. Então se eliminava a mediação entre o Senhor e o homem e a salvação passava ser pessoal. Com a leitura objetiva e a interpretação do evangelho, Lutero simplesmente resolvia com qualquer autoridade de Roma que quisesse ter sobre os fiéis.

A infalibilidade baseada unicamente na autoridade das Escrituras Sagradas era a uma consequência da ideia do sacerdócio universal. Eliminando-se o padre como intermediário, o indivíduo deveria examinar e interpretar com liberdade a Bíblia, para estar em contato com a manifestação da vontade de Deus. Dos sacramentos católicos, Lutero conservou apenas dois: o batismo e a eucaristia, mas esta, para os luteranos, seria feita através do pão e vinho para todos os fiéis. Nela havia a presença de Cristo, mas não a transformação desses alimentos em carne e sangue do filho de Deus defendida pelos católicos. (VEIGA,1992, p.28).

Este período foi de extrema importância para o cristianismo, pois houve grandes mudanças: nas áreas da política, na economia e principalmente na área religiosa, pois a igreja estava vivendo fora dos padrões da Bíblia, haviam esquecido os ensinamentos sobre o qual havia nascido estavam distantes e se distanciando a cada dia mais. Mas o surgimento da reforma trouxe esperança, pois os propósitos de seus pais eram de trazer a igreja de volta às suas raízes, e um dos objetivos de grande importância era colocar as Sagradas Escrituras nas mãos de cada cidadão comum. A reforma fez com que rompesse os laços com a igreja católica, o papa já não seria mais o cabeça e isso trouxe certo desconforto entre eles. Como toda ação provoca uma reação, com o nascimento da reforma também surgiu a Contra Reforma. Que tinha como intenção de conter as reformas e seus objetivos.

Era evidentemente muito cômodo apresentar o grande movimento religioso que levantou a igreja católica em meados do século XVI a meados do século XVII como uma simples reação à reforma protestante, um brutal despertar durante a tempestade. [...] Assim houve ao mesmo tempo a

'reforma católica', eclosão de uma fonte que vinha sendo alimentada há muito tempo, e a 'contra reforma', a reação católica destinada a fechar as brechas feitas pelo protestantismo, ou seja, reconquistar as zonas sublevadas. (PIERRARD, 1982, p. 183)

Em 13 de dezembro de 1545, foi instituído o Décimo Nono Concílio Ecumênico, na cidade de Trento, mesmo em meio a tantas dificuldades e indecisões vinda do papa, bispos, reis e imperadores. Primeiramente foi presidido pelo papa Paulo III, com 80 anos na época, continuou sob a liderança de Júlio III onde, a partir daqui, houve a presença dos protestantes, paralisou suas reuniões durante o pontificado de Paulo IV, houve outras reuniões, porém encerrou-se em 04 de dezembro de 1563, com o papa Pio IV, com medidas que abalaram as estruturas do clero e o governo da igreja durante séculos.

O concílio de Trento manteve os sete sacramentos defendidos pela igreja reforçando o poder do papa, tornou obrigatória a residência dos bispos em suas sedes além de fixar regras para a formação e a vida dos padres (seminários) e dos regulares (clausura), porém ainda defendia que somente a igreja poderia interpretar a Escritura e ainda trouxe mudanças em relação aos seus ritos eliminando a comunhão do pão e vinho, mantendo apenas a do pão e criou o Index que era a relação dos livros proibidos por serem "imorais" ou irem contra os preceitos cristãos. A venda de indulgências foi totalmente abolida se tornando crime e cabendo aos bispos a responsabilidade de denunciar os abusos provenientes desta prática. Diferente da ideia protestante em realizar cerimônias de forma simplificada a igreja estabeleceu assim o seu próprio ritual baseado nas tradições apostólicas. A salvação do homem dividia opiniões, porém foi instituída no concílio entre as suas próprias obras e o livre arbítrio, mediante a misericórdia divina e tocada pela graça de Deus sendo necessária para que o homem goze da vida eterna.

Embora tenham penetrado lentamente 'na carne e no sangue da igreja', os decretos tridentinos de reforma modelaram fortemente o seu futuro. Em termos precisos definiram tanto a estrutura hierárquica como o regime benéfico, as condições de uma liturgia viva e da vida sacramentária, os deveres dos clérigos como também dos príncipes. Mas o concílio de Trento não teria sido mais que um longo e inútil palavrório se, ao mesmo tempo, numerosos e santos padres não houvessem criado um clima favorável à reforma católica. (PIERRARD, 1982, p. 188)

A Palavra de Deus, inspirada, inerrante e infalível tem total autoridade como alicerce para estruturar a vida humana e os pais da reforma tinham isto em mente, pois somente através das Sagradas Escrituras que a igreja poderia retornar as suas origens, as quais foram instituídas por Jesus através de sua vida e de seu evangelho, princípio que a igreja havia perdido ao corromper, se entregando a inversão dos valores que foram instituídos por Deus. A não observância do homem tem sido seu pior carrasco desde os primórdios da humanidade, pois a desobediência o faz trilhar por caminhos que o levam a corrupção que o afasta dos desígnios preparados por Deus para ele.

Os reformadores acreditavam que a palavra de Deus é direta, pois trata o homem na sua real necessidade de mudança e somente a Sagrada Escritura pode ir de encontro ao homem transformando-o de dentro para fora sendo ela o principal elemento que transpassaria as barreiras levantadas pelo homem, através de seu próprio ego para o seu distanciamento.

3 O RESGATE DAS ESCRITURAS NA REFORMA PROTESTANTE SEGUNDO A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Nascido no dia 10 de julho de 1509 na França, Calvino foi um teólogo cristão que teve grande influência durante a reforma protestante. Inicialmente humanista (e a filosofia moral que coloca os humanos como principais, numa escala de importância, no centro do mundo), porém se afastou da igreja católica e foi visto por todos como a voz do movimento protestante, foi vítima de perseguição aos huguenotes (nome dado aos protestantes) na França e teve que fugir para a Genebra onde morreu em 1564. Genebra se tornou o centro do protestantismo europeu. Calvino possuía um estilo de pensamento refinado e geométrico quase de filigrana.

O Calvinismo, influenciado e criado por João Calvino se espalhou mostrando os ideais de John a respeito de uma igreja reformada e também em alguns países se tornou uma religião e uma grande filosofia.

Segundo Calvino, o princípio da predestinação seria responsável por explicar o destino dos homens na terra. Tal princípio defendia a ideia de que, segundo a vontade de Deus estaria ligado a condição de uma vida materialmente próspera, ocupada pelo trabalho e afastada das ostentações materiais.

Em outros países os calvinistas receberam nomes diferentes como na Escócia que foram chamados de presbiterianos, na França huguenotes e na Inglaterra puritanos. Eles defendiam princípios morais bastante rígidos e via o trabalho e na poupança duas virtudes ideais chamar atenção da burguesia que logo adotaram o calvinismo como religião.

A “Assembleia de Teólogos Sábios e Eruditos” foi convocada em 12 de junho de 1643, porém sua primeira sessão só ocorreu em 01 de julho do mesmo ano, fundada sobre a orientação calvinista pelo parlamento da Inglaterra se opondo ao arminianismo, discutindo o governo e a liturgia da igreja a fim de defender o ensino da igreja anglicana. Entre seus integrantes foram convocados 121 clérigos, os seus melhores teólogos, dez membros da Casa dos Lordes, vinte da Casa dos Comuns e

oito representantes puritanos e puritanizados da Escócia, sem direito a voto na Abadia de Westminster.

Não foi só nas Igrejas da Inglaterra e da Escócia que a confissão foi um marco, mas seu foco não é inutilizar as capacidades de reflexão e raciocínio, seu objetivo é estimular a busca nas Escrituras a fim de analisar e contextualizar a época vigente focando da verdade e batendo de frente com os erros de seu tempo encontrando respostas urgentes a luz da palavra.

I. Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providencia manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inexcusáveis, todavia não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação; por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar a sua igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para que os mais seguros estabelecimentos e conforto da igreja contra a corrupção da carne e a malícia de satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isso torna as Escrituras Sagradas indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos de Deus revelar sua vontade ao seu povo. (WESTMINSTER, 2008, p.15)

A Confissão de fé de Westminster defende, embasados nos Escritos Sagrados, que Deus se revela sua vontade através da inspiração de pessoas que seguiam sua doutrina e também através de meios naturais.

As obras feitas pelas mãos de Deus revelam o grande poderio do Criador capaz de criar e controlar o universo e tudo que nele há. A graça reveladora e Redentora de Deus se dá unicamente pelas Sagradas Escrituras, que apresenta um Deus que não vive na natureza, mas cita cada pessoa que foi alcançada pela graça como templo de seu Espírito, por isso Deus determina que as revelações ditas sejam escritas e registradas a fim de instruir e edificar a igreja através dos tempos.

As Sagradas Escrituras são frutos da revelação de Deus aos seus escolhidos, pois a própria criação é compreendida a luz da revelação de Deus, as Sagradas Escrituras revelam um Deus uno em três pessoas diferentes, mas ligadas na consensualidade da união trina.

A Bíblia como única norma de fé e de comportamento traz consigo a revelação da vontade imperativa e diretiva de Deus aos seus escolhidos em relação a suas condutas e traz consigo detalhes sobre a pessoa de Deus. Como Deus trino,

o Espírito Santo, por sua vez ilumina aos seus eleitos ao bom entendimento da Palavra, através das verdades que levam a Cristo como consumação do plano de Salvação de Deus com seus eleitos.

II. Sob o nome de Escritura Sagrada, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Antigo e Novo Testamentos, todos dados por inspiração de Deus para serem regra de fé prática:

O Antigo Testamento: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio, Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos cânticos, Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

O Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas, João, Atos, Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito, Filemon, Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João, Judas, Apocalipse. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 18)

O cânon do Antigo Testamento foi organizado em 24 livros, porém teve agregações de documentos, por volta de 90 d.C. através do Concílio de Jamnia, no centro do judaísmo, mas foi adotada e canonizada pelos Hebreus.

O cânon do Novo Testamento, por exemplo, é resultado de uma grande jornada, desde os primórdios da igreja primitiva, onde daqui se inicia o processo de separação dos escritos que apareciam, dizendo-se escrito e inspirado por Deus; através da iluminação do Espírito Santo e das bases que firmaram o sistema de triagem do que seria ou não aceito, sendo as bases: O Cristo encarnado é Senhor dos eleitos e cabeça da igreja; As Escrituras são a Palavra revelada de Deus e Os apóstolos são testemunha direta da vida, do ministério, da morte e da ressurreição de Cristo, do nascimento da Igreja e de sua comissão missionária; O principal objetivo da igreja era descartar todo e qualquer escrito que não cumprisse com os parâmetros estabelecidos.

Depois da reunião dos escritos do novo testamento, em 367, com ajuda da 39ª Carta Pastoral de Atanásio e através do Concílio de Cartago em 397 que houve a catalogação permanente fixando assim o cânon no seguinte formato: Evangelho, Atos dos Apóstolos, Cartas Paulinas, Cartas Universais e Apocalipse.

A divisão atual, em versículos e capítulos, só apareceu em 459, através da publicação das cartas paulinas neste modelo, por Eutálio, diácono de Alexandria, a ideia era a fácil identificação de trechos específicos e a fácil leitura recitativa.

III. Os livros geralmente chamado apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem do cânon da Escritura; não são, portanto, da autoridade na Igreja de Deus, nem de modo algum podem ser aprovados ou empregados senão como escritos humanos. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 18)

A palavra: apócrifo, vem do grego *apokrypha*, e significa: escondido, oculto, misterioso, ou seja, neste contexto significa que os livros eram de origem duvidosa ou ignorada ou livros de origens não canônicas.

Nos anos 100 da era cristã começaram a surgir o Novo Testamento, os Evangelhos e as Cartas dos Apóstolos, e também vários livros dos quais os judeus não aceitavam, através dessa disseminação de vários livros e cartas os rabinos judeus se reuniram afim de definir a Bíblia Hebraica, certamente através da revelação do Espírito Santo de Deus em separar os livros realmente inspirados por Deus dos que não eram baseados nos seguintes Critérios: Deveria ter sido escrito na terra santa; Escrito somente em hebraico, nem aramaico e nem grego; Escrito antes de Esdras (455 – 428 a. C.); Sem contradição com a Torá ou lei de Moisés. Através destes critérios foi instituída divisão e separados estes 16 livros como apócrifos: 1º e 2º Esdras; Tobias; Judite, Repouso de Ester; Sabedoria de Salomão; Eclesiástico; Baruque e Epístola de Jeremias; Cântico dos Três Jovens; História de Susana; Bel e o Dragão; Oração de Manasses; 1º, 2º, 3º e 4º Macabeus.

A fé Católica Romana, no Concílio de Trento Instituiu em 15 de abril de 1546, que 11 dos 16 livros apócrifos, já listados aqui, decretado sob pena de excomunhão para aqueles que fossem contra este decreto. Assim a Bíblia Católica segue o padrão abaixo, cujos livros são colocados na ordem:

QUADRO DE LIVROS BÍBLICOS DA BÍBLIA CATÓLICA

Pentateuco:	Gênesis
	Êxodo
	Levítico
	Números
	Deuteronômio

Livros Históricos:	Josué
	Juízes
	Rute
	1º e 2º Samuel
	1º e 2º Reis
	1º e 2º Crônicas (Polaripômenos)
	Esdras
	Neemias
	Tobias (Apócrifo)
	Judite (Apócrifo)
	Ester (Acrécimo Apócrifo)
	1º e 2º Macabeus (Apócrifos)
Livros Poéticos e Sapienciais:	Jó
	Salmos
	Provérbios
	Eclesiastes
	Cântico dos Cânticos
	Sabedoria de Salomão (Apócrifo)
	Eclesiástico (Apócrifo)
Livros Poéticos:	Isaías
	Jeremias
	Lamentações
	Baruque (Apócrifo)
	Ezequiel
	Daniel (Acrécimo Apócrifo)
	Oseias
	Joel
	Amós
	Obadias
	Jonas
	Miqueias
	Naum
	Habacuque
	Sofonias
	Ageu
	Zacarias
	Malaquias

Em contrapartida na Bíblia protestante não foram aceitos os livros apócrifos por acreditarem que Jesus como representante de Deus na terra não os citou além dos livros se encontram na Septuaginta, que é a tradução grega das Escrituras, jamais aceita pelos judeus palestinos ortodoxos.

IV. A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade), que é o seu autor; tem, portanto, de ser, porque é a Palavra de Deus. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 19)

Autoridade da Palavra de Deus procede diretamente do próprio Deus que é o autor, pois ele é a fonte que emana a autoridade. A Palavra não depende do homem, nem da igreja, pois ela é suficiente, porque não existe autoridade terrena que tenha condição falar no lugar de Deus. As Sagradas Escrituras são as Palavras de um pai direcionada a seus filhos havendo a necessidade de ouvi-la.

Para este cristão a Bíblia é a base sobre a qual ele baseia a sua vida de maneira que agrade a Deus tendo Jesus Cristo como exemplo a ser seguido, ele entende que quanto mais se aproxima da Bíblia mais próximo de Deus ele está, pois é uma maneira de fortalecer o vínculo do homem salvo com seu salvador. As Escrituras mostram que é Jesus Cristo, que ilumina e as autentifica verdadeiramente. As Sagradas Escrituras são a única fonte poderosa da Palavra de Deus, pois ela não é apenas o “registro da revelação”, mas ela é a ação e a execução divina, que o próprio Deus determinou que fosse registrado a sua mensagem para que o homem a conhecesse de maneira que pudesse entender as suas profecias e também seus fatos históricos.

A Bíblia não é uma produção humana, mas divina, por que veio de Deus para o homem. E todos os seus fatos, eventos, acontecimentos, histórias, oráculos e ordenanças são geradas ou concedidas por Deus fazendo assim sua “mensagem reveladora”. Por que Deus é a fonte e dele vem todo o conhecimento e saber, ele na sua bondade usou o homem como veículo para transmitir sua vontade e seus propósitos, mas o usou na sua (inteligência, linguagem, percepção e cultura) para mostrar ao homem seus propósitos divinos, ele foi além e revelou a vontade de maneira pessoal e concreta por meio de seus pactos propósitos com o homem, como exemplo Adão, Noé, Abraão, Moisés, e outros até chegar a Jesus, que é a encarnação da graça e amor de Deus. Por isso a Palavra é cristocêntrica e nas Escrituras está uma autoridade indiscutível. Não há Sagradas Escrituras sem Cristo e não há conhecimento de Cristo sem a revelação das Escrituras.

A autoridade da palavra Deus forma-se na “inspiração”, que a obra do Espírito de Deus, que faz da bíblia um livro com total autoridade que conduz o homem a fé.

Homens separados para falar da parte de Deus dirigidos pelo Espírito Santo, mediante isto compreende-se que a Sagrada Escritura não foi dada por vontade humana, pois foram homens inspirados pelo Espírito de Deus conforme escrito em 2º Pedro 1.20,21, NVI;

Antes de mais nada saiba que nenhuma profecia das Escrituras provem da interpretação pessoal, pois jamais a profecia teve origem da vontade humana, mas homens falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo.

Jesus Cristo é o centro das Sagradas Escrituras, ele é a palavra encarnada que esteve na criação, está na providencia e na redenção. A humanidade teve o acesso a Palavra por intermédio dele. Crer em Cristo é crer nas Sagradas Escrituras, é recíproca e verdadeira, pois ele é o verbo de Deus. Por isso a palavra tem autoridade e torna-se indiscutível, pois Cristo fala nas Sagradas Escrituras, e através dela. Como afirma a Bíblia: “Vocês estudam cuidadosamente as Escrituras, porque pensam que nelas vocês tem vida eterna. E são as Escrituras que testificam ao meu respeito”. (Jo 5.39, NVI)

Admite-se que Jesus Cristo é o verbo de Deus, salvador dos eleitos, o cabeça e mestre da igreja, que ele é a revelação do pai nas Escrituras.

A autoridade das Sagradas Escrituras baseia-se na autoridade de Cristo, e Ele mesmo afirma que sua palavra não pode falhar. Então Cristo é o fundamento sob o qual a igreja é firmada.

V. Pelo Testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pela Escritura Sagrada; a suprema excelência do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as partes, o escopo do seu todo (que é dar o Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a Palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provém da operação interior do Espírito Santo, que pela palavra e com a palavra testifica em nosso coração. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 20).

O papel da igreja é testemunho da palavra de Deus; pois ela não pode ser criada e nem superada. No período da reforma de sua fundação, este acontecimento ocorreu devido à necessidade de trazer acesso aos desinformados sobre a Bíblia que acreditavam que o papa tinha um poder supremo, pois nele havia se centralizado o poder.

Para o cristão reformado, a igreja de Cristo é gerada das Escrituras, sendo assim sua filha e nesta condição deve ser por ela educada. Essa é a identidade da igreja, nascida das Escrituras. Um dos sagrados postulados é o da Sola Scriptura, isto é, a única regra de fé, norma e conduta e não há o que se compare a ela, pois ela é suprema.

Para os cristãos reformados a autoridade final está na revelação da vontade de Deus. Este cristão tem a versão nas Escrituras para que ele possa ter conhecimento adquirido através da vontade revelada. A Palavra de Deus deve ser crida e obedecida, pois ela merece toda a confiança dos seus fiéis, pois é o próprio Deus que dá o testemunho dela.

VI. Todo o Conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a salvação, fé e vida do homem ou expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens, reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra e que há algumas circunstâncias, quando ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras da Palavra, que sempre devem ser observadas. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 19)

Mantendo o padrão básico das Escrituras como inspiradas pelo próprio Deus, não se torna excludente uma síntese geral do ser humano e sua decadência por meio do pecado atravessando épocas, porém sempre amparadas pela grande misericórdia de Deus revelando a incapacidade do homem em salvar-se a si mesmo.

A Escritura mostra-se suficiente através dela mesma e que atualizações periódicas dos escritos não são necessárias, pois através da mesma se faz conhecer o Deus eterno, transcendente e único, desprezando todos os inscritos de parte duvidosa.

A Bíblia ensina e aconselha segundo a vontade de Deus, sendo necessário e indispensável a edificação e santificação dos seus escolhidos, pois o próprio Deus que inspirou muitos no caminho da preservação dos documentos sacros, da descoberta e da reunião dos escritos que resultam na Bíblia através da qual faz-se conhecido Deus e seu ensino sobre fé e conduta.

VII. Na escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidente a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos no devido uso dos meios ordinários podem alcançar uma suficiente compreensão delas. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 22)

O reconhecimento da liberdade que é dada a cada membro em questionar, indagar e debater questões da Bíblia independente do seu grau de instrução traz consigo uma disseminação da Palavra de Deus as pessoas expondo sua obra redentora que envolve todos além de mostrar a pessoa de Deus com liberdade para levar a Palavra aos que não a conhecem, sob a instrução interpretativa vinda de doutos.

A compreensão clara das Escrituras não se dá por completo, mas a pessoa do Espírito Santo é agente iluminador para o entendimento das Escrituras de forma clara e precisa, mas existem fatos e informações que não são totalmente expressos, porém não interfere na fé.

O fator crucial é que os Escritos Bíblicos não possuem poder para salvar o homem por si mesmo, porém é instrumento comunicativo, informativo e formativo das obras de Deus e de seu projeto para redenção do homem.

VIII. O Antigo Testamento em hebraico (língua original do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em grego (a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que ele foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus e pelo seu singular cuidado e providencia conservados puros em todos os séculos, são por isso autênticos e assim em todas as controvérsias religiosas a igreja deve apelar para eles como um supremo tribunal; mas, não sendo estas línguas conhecidas por todo o povo de Deus, que se tem direito e interesse nas Escrituras e que deve no temor de Deus tê-las e estudá-las, esses livros tem de ser traduzidos nas línguas originais de todas as nações aonde chegarem, a fim de que a palavra de Deus, permanecendo nelas abundantemente, adorem a Deus de modo aceitável e possuam a esperança pela paciência e conforto nas Escrituras. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 23)

A Igreja Romana tinha preferência pela linguagem judaica do Velho Testamento pelo simples fato de ser mais limpa e sem defeitos naturais de tradução. Era necessário aos pastores reformados saber o Grego e o Hebraico para que quando houvesse dúvidas nas traduções, eles pudessem consultar direto na fonte, sendo assim todas as dúvidas e dificuldades exegéticas e hermenêuticas poderiam ser tratadas dentro dos escritos originais, trazendo uma melhor qualidade dos estudos e preparo de mensagens bíblicas.

Baseados nos escritos os cultos tomaram padrões litúrgicos instituídos por Deus no Velho Testamento, sendo que a consciência do pecado é um reconhecimento do verdadeiro adorador, mas faz-se necessário a confissão para se justificar perante Deus, sem este ato não existe culto. O reconhecimento do sacrifício de Jesus na cruz no lugar dos pecadores não pode ser excluído, pois através dele flui a adoração e após a expiação do pecado e do sacrifício provém a comunicação do perdão dos pecados. O agradecimento pelos feitos de Deus e pelo perdão dos pecados era dever moral do cristão, buscando edificação para não sair dos caminhos de Deus e assim continuar no caminho da fé prestando cultos ao redentor, pois auxilia na correta compreensão da Palavra de Deus.

A grande dádiva Pós-reforma foi a liberdade no acesso a Bíblia, pois ela se destina aos chamados por Deus, mesmo quando nem todos são destinados a Salvação, referenciando a parábola do joio e do Trigo (Mateus 13:24-30), pois muitos ainda levam os ensinamentos de Deus aleivosamente através de suas obras contrárias a palavra de Deus, se tornando falsos crentes, porém Deus é supremo e mesmo havendo os “rejeitados” e o maligno contra, sua Palavra, fonte de todas as revelações, não seriam arma contra Ele, mas todos tem acesso, seja para redenção ou para juízo.

IX. A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura (sentindo que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falam mais claramente. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 25)

O entendimento dos textos Bíblicos se dá através de sua própria interpretação e à luz da própria palavra de maneira coerente, eficiente e edificante, onde um texto que não pode ser iluminado por outro não serve por base, sempre primando na idoneidade do profeta e pelo cumprimento de sua profecia.

A Palavra fala direto ao coração e a consciência, unindo o literal e o espiritual que se completam e depende um do outro, sempre valorizando em suas interpretações, como elementos auxiliares: o lugar, a situação social, religiosa e política, a expectativa do ouvinte e a natureza do conteúdo comunicado.

X. O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm que ser determinadas e serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares; o Juiz Supremo em cuja sentença nós devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo, falando nas Escrituras. (WESTMINSTER, 2008, p.17, 25)

De acordo com a Confissão de Fé de Westminster não existe outra fonte de origem, de onde emanam as verdades contidas nas Sagradas Escrituras, pois fora dela não há nenhuma outra revelação ou inspiração, pois é através dela que Deus se dirige a igreja de maneira pessoal, clara e definitiva, sendo assim é na Palavra que o cristão reformado baseia sua fé, norma e seus princípios, porque a Palavra de Deus é um alicerce sobre qual há procedência divina.

A Palavra de Deus tem como prioridade convocar, informar, formar, disciplinar e levar o cristão aos propósitos designados por Deus, pois ela é a capacitação do cristão douto e indouto, através da iluminação do Espírito Santo, que é dada por Deus ao homem, como diz em 1 Coríntios 2.14-16:

Quem não tem o Espírito não aceita as coisas que vem do Espírito de Deus, pois lhe são loucura e não é capaz de entendê-las porque elas são discernidas espiritualmente. 'Quem conheceu a mente do Senhor para que possa instruí-lo?', nós, porém, temos a mente de Cristo.

Não há dificuldade alguma de entender o íntimo da revelação porque o Deus que comunica o fato revelado é o mesmo que capacita o homem recebe-lo, independente do seu grau de intelectualidade porque diante da revelação todos os homens são iguais. As Escrituras podem ter algum ponto de dificuldade de se

entender, que é o campo doutrinário, quando obrigados a pensar, especialmente na disseminação de várias igrejas, mas na área de salvação do homem elas são claramente entendidas na mente e no coração. Compreendendo a necessidade da revelação e a dependência da sua compreensão, vinda unicamente do espírito de Deus, na intenção de trazer a igreja novamente a sua origem. A reforma colocou a Bíblia nas mãos de cada cristão para acontecer uma reforma espiritual e assim eclodir o movimento reformado e dando continuidade até os nossos dias.

Através das Sagradas Escrituras Deus fala com o homem, em cada tempo, local ou em qualquer momento e condição, porque a mensagem da Bíblia é única, mas o Espírito de Deus a aplica a cada indivíduo conforme suas necessidades e como um filho seu pai lhe responde por que a Bíblia traz para o homem a liberdade de chamar o Deus criador de Pai.

Segundo Matos (2011), a Confissão Fé de Westminster é tida como uma das melhores e mais ponderadas exposições da fé reformada já escrita. As definições doutrinárias foram muito bem preparadas por homens cultos e bondosos do século XVIII, mas em pleno XXI é necessário entender que as formulações continuam válidas para os dias atuais. Embora seja um documento muito importante e valioso para todos os cristãos reformados, mas de acordo com o próprio documento formulado, ele não está no mesmo nível das Escrituras, mas sim ficando subordinada a Bíblia.

Matos (2011), afirma que a confissão de fé de Westminster foi a última das confissões elaborada durante o período da reforma, a confissão segue os planos da reforma, é mais detalhada e apresenta um sistema teológico pequeno, pois tem como objetivo evidenciar a fé reformada. A confissão não é um tratado que dá ao homem livre acesso ao céu, mas sim um concílio que trata o homem de acordo com suas fragilidades de se entregar ao erro ou ao pecado. Por isso a confissão de fé deixa claro que somente as Escrituras Sagradas tem bases sustentáveis para ser alicerce da fé e demonstra o que a Bíblia diz sobre o homem de uma forma geral.

A confissão de fé é um documento que orienta o cristão a analisar em seus registros, a sua conduta de vida cristã. Embora ela tivesse um aspecto de Palavra reformada, pois sua preocupação era em direcionar a igreja para Escrituras, para

que vivesse de acordo com a Palavra de Deus e não se corrompesse mais diante de propostas de imoralidade (MATOS, 2011).

A preocupação que os reformadores tinham era que a igreja pudesse estar sempre em conformidade com as Sagradas Escrituras, isto foi um ponto forte na reforma, e também na confissão de fé de Westminster, pois um dos principais temas da teologia reformada foram discutidos na confissão de fé que é “As Sagradas escrituras”, que somente através dela que o homem encontraria seus exemplos a serem seguidos, pois ela não envelhece e suas palavras não tem prazo de validade. Por isso o documento deixou claro não tem maior livro que a Bíblia, pois ela é o manual de todo cristão (MATOS, 2011).

A Palavra de Deus como manual pode ensinar ao homem em que caminho andar de maneira que ele possa agradar ao criador, como foi ensinado pelo próprio Jesus a seus apóstolos e dos mesmos a igreja. Por isso os cristãos reformados carregam em seus ombros o peso da responsabilidade deixada por não terem exemplos maiores do que esses. Mas o homem tem uma fragilidade muito grande diante do pecado e por isso ele se afasta do caminho e logo não sabe mais como voltar. A igreja primitiva nascida das mãos dos Apóstolos verdadeiros mártires, homens que se doaram por amor ao evangelho, que viveram com Jesus e dele tiraram todo exemplo a serem seguidos. Mas com o passar dos séculos as coisas foram mudando, a igreja que antes era separada, e diferenciada de verdade eram protestantes, por que tinham a Bíblia como normas de conduta sabiam que estavam sob sua autoridade.

A igreja do século XV já havia esquecido seu verdadeiro papel, e ela era totalmente dominada pelo império romano e tinha o papa como o cabeça diante dessas condições os reformadores entendem a necessidade de uma reforma, de um resgate, pois a igreja em declínio moral e havia relutância em aceitar as mudanças sugeridas pelos reformadores como: Wycliffe (1328–1384) e Huss (1369-1415), pois eles entendiam que era necessária uma reforma começando de dentro da igreja , e de acordo com essa necessidade da igreja, houve mudanças em todas as áreas: política, econômica, social, intelectual e religiosas.

Havia uma grande necessidade de mudança dentro da igreja, pois ela havia se tornada leviana e estava totalmente fora dos padrões bíblicos, por isso a

idealização dos reformadores era trazer ou fazer com que a igreja voltasse aos padrões bíblicos e tornasse a Bíblia sua autoridade final o desejo de colocar a Bíblia nas mãos de cada cidadão comum. Os reformadores propunham ao clero, que viviam em pecado, que abandonassem seus cargos religiosos. Mas suas ideias eram sempre reprovadas pela igreja romana.

Como na confissão de fé de Westminster, Figueiredo (2011, p. 8) afirma que os reformadores acreditavam que as Escrituras Sagradas eram indispensáveis, eles entendiam que a Palavra de Deus tem toda autoridade e que sobre ela e através dela que são estruturadas e restruturadas a igreja e a fé cristã, por que ela e a base tudo, e tudo está firmado nela, pois ela é inspirada, inerrante e infalível.

Os pré-reformadores preparam o caminho para Lutero para que pudesse colocar fogo na fogueira da reforma protestante e tratar de dentro da igreja, pois quando ele começou a ver a condição miserável da igreja em declínio total, também a via como um esgoto a céu aberto. Eles estavam totalmente fora dos padrões morais (FIGUEIREDO, 2011, p. 8-9).

Como é tratado na confissão, a Palavra teve validade lá em 1643 como ainda tem hoje sendo as Escrituras ainda de maior valor e autoridade; ela pode chamar a igreja da atualidade a rever seus padrões de fé, normas e condutas. Pois não foi só a vendas de indulgências ou imoralidade da igreja do século XVI que despertou essa necessidade de reforma, pois a igreja havia saído dos seus padrões. De acordo com o documento, só as Escrituras têm poder para trazer a igrejas da reforma do XVI, como a igreja da atualidade as suas origens.

Figueiredo (2011, p. 4) complementa que a igreja da atualidade está vivendo um declínio moral, uma inversão de valores, hoje as indulgências têm outros nomes, mas a imoralidade vivida ainda está presente talvez num toque mais sutil ou de uma forma maquiada. Os reformadores do século XVI a chamava de prostituta, pois suas atitudes eram vistas assim, “prostituindo” o que era sagrado, vendiam o que não os pertenciam. Os reformadores que a chamavam a ter uma nova postura eram os mesmos que estavam prontos para dar suas vidas, para que a igreja pudesse voltar as suas origens, na atualidade em pleno século XXI o que poderá ser feito, onde encontrar homens disposto a entregar suas próprias vidas para que a igreja da atualidade desperte do sono da negligência e pecado? De acordo com a confissão

de fé de Westminster, é só através da Palavra e por meio dela o homem pode reconciliar com Deus e mudar sua conduta moral através do testemunho do Espírito Santo no íntimo de seu coração. Era esse o desejo dos reformadores por que eles entendiam que as Sagradas Escrituras era o único meio de chamar a igreja da idade média de volta a seus padrões e que o Espírito Santo os convenceria de juízo e do pecado.

O homem não pode mudar nada, pois não tem poder de transformação, mas ele pode ser usado como veículo transmissor da graça de Deus.

A igreja primitiva foi tratada como uma prostituta por alguns reformadores do século XVI, pois ela negociava seus valores, realmente a igreja havia se perdido dos seus padrões de fé se fosse feito um retrato falado da igreja do século XVI, a imagem seria essa, uma inversão de valores trazendo trazidas pelos próprios líderes da igreja, cada momento a igreja se distanciava mais de seus propósitos e finalidades, ela se considerou tão absoluta que achava tinha o poder de vender perdão ao homem, segundo ela Jesus não era mais o cabeça da igreja e sim o papa seria quem resolveria todos as questões tanto as terrenas como as espirituais e quem venderia objetos considerados sagrados para iludir os membros, onde até o mais pobre também tinha que pagar pelas indulgências.

Essa era a condição deplorável da igreja suas atitudes demonstravam sua triste situação de declínio, na igreja deixada pelos apóstolos não cabia este tipo de conduta e de imoralidade, pois eles não precisavam de aprovação humana para ter templos cheios, eles andavam de acordo com os ensinamentos de Cristo nunca saíram da base das Escrituras, pois eram homens que nunca abandonaram o testemunho de Jesus na cruz e foi nesses parâmetros que eles instituíram a igreja como uma noiva a espera de seu noivo pura e santa. Não como uma prostituta idólatra e totalmente imoral. Esse era o retrato da igreja o que lhe restava da santidade e pureza só a vergonha. Mas por amor a igreja homens, cultos, e de grande temor se levantaram para lutar em favor dos princípios que ela já havia se esquecido de pensadores e grandes reformadores que sem medo se opunham contra o poder da igreja romana. Eles queriam trazê-la as suas origens e entendiam que isso só poderia acontecer através das Sagradas Escrituras por ser ela indispensável, pois a Palavra de Deus assegura o cristão contra o pecado e a

corrupção, pois só ela pode dar o melhor conhecimento de Deus ao homem (FIGUEIREDO, 2011, p. 8-9).

CONCLUSÃO

O mundo está vivendo uma crise de autoridade e instabilidade moral em todas as áreas e, elas têm caído em descrédito, podemos começar pela autoridade dentro dos lares onde o pai é simplesmente desrespeitado. Seja na política, na sociedade e até mesmo no governo eclesiástico sua autoridade está sendo fortemente questionada levando o homem a um desastre social, por isso a Bíblia vem em busca deste para confrontá-lo com sua verdade e autoridade dando a este a oportunidade de conhecê-la e ser liberto por ela.

A degradação unida ao descrédito dos princípios morais das Escrituras são fatores previstos na Bíblia, em Mateus 24:12 (NVI) autentifica, “E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará”; a queda dos princípios morais da Igreja tem levado o homem a acreditar em si mesmo como autossuficiente a ponto de conhecer a verdade por si só sem a intervenção de Deus, agindo como se Deus não existisse. Mas como suficiente, inspirada e inerrante a Palavra não esconde a verdade, admoesta sobre as falsas doutrinas e mestres que aparecerão no decorrer dos tempos, como houve antigamente, como diz 2 Pedro 2:1,2 (NVI):

E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesma repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade.

A igreja hoje está cheia de crentes vazios vivendo um evangelho ao seu próprio gosto, sem cruz, sem ética, sem base bíblica, sendo necessário voltar às origens e abraçar o cristianismo tendo uma vida santa e erguendo a bandeira da reforma dentro do próprio lar e ser um agente transformador da família, igreja e sociedade.

Os reformadores não lutaram por seus próprios ideais ou muito menos propuseram utopias, pelo contrário eles reivindicaram a autoridade das Escrituras para a vida cotidiana do cristão. Concordar que a ortodoxia bíblica e os valores defendidos pelos reformadores no século XVI são relevantes para hoje não é dizer que os séculos passados são melhores que o atual, mas sim reconhecer que a Bíblia

é uma fonte segura de instrução moral e espiritual para todos. De modo que segui-la em sua integridade é seguir a Cristo. Defender a bíblia é defender os valores que nosso próprio salvador nos ensinou.

As Escrituras Sagradas exortam ao retorno as raízes de modo que possamos reconhecer seu papel imediato em se tratar com Deus de forma simples e direta. Assim como um mapa ela traz consigo os passos para viver uma fé pura segundo os planos de Deus e segundo sua vontade, rompendo os limites do pecado e assumindo seu papel redentor.

Todo o trabalho feito através dos tempos em prol do retorno as Escrituras foi um grande exemplo para a época atual em sua mensagem de retorno, todo labor missionário destes grandes pensadores incentivaram o envolvimento com a Palavra de forma íntima e pessoal com Deus afim de encontrar o real propósito divino para o homem. A reforma remete ao não aceitar os erros, e a “prostituição” da Igreja, em não coabitar com o contraditório, mas enxergar as raízes dos preceitos cristãos, sempre buscando a verdade segundo a orientação e iluminação de Deus.

Quando estudamos a crise moral e espiritual da igreja na idade média reconhecemos necessidade urgente de uma reforma naqueles dias. Nos dias atuais, pós-modernos, encontramos outro grande desvio doutrinário e novamente reconhecemos a necessidade de uma nova reforma. Uma reforma como nos dias de Lutero pode não acontecer; contudo não precisamos de uma nova reforma protestante, mas sim de resgatar e praticar os valores ensinados na reforma protestante.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Sola Scriptura: A doutrina reformada das Escrituras*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1998.

ARNOLD, Bill T.; BEYER, Bryan E. *Descobrindo o Antigo Testamento: Uma perspectiva cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *Confissão de fé de Westminster*. 17ª ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas: LPC, 1998.

BÍBLIA DE ESTUDO NVII Organizador geral Kenneth Barker; São Paulo: Editora Vida, 2003.

BOICE, James Montgomery. *O Alicerce Da Autoridade Bíblica*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

CAIRNS, Earle Edwin. *O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da igreja cristã*. 2ª ed. São Paulo: Vida Plena, 2008.

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. In: GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 1006-1025.

CONFORT, Philip, Wesley. *A origem da Bíblia*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1988.

ECCLESIA. Sacra Arquidiocese Ortodoxa de Buenos Aires, 2003. Disponível em: <http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/o_cristianismo_ortodoxo_em_perguntas_e_respostas.html>. Acesso em: 14 de dez. 2016.

FIGUEIREDO, Onezio. *Confissão de Fé de Westminster: texto e comentário*, 2011. Disponível em: <<http://www.ipfb.com.br/IPFB/site2/downloads/ConfissaoFeWestminster.pdf>>. Acesso em: 14 de dez. 2016.

LOPES, Augustus Nicodemus, *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MATOS, Alderi Souza de. *Puritanos e Assembléia de Westminster*, 2011. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7121.html>>. Acesso em: 14 de dez. 2016.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática* – São Paulo: Vida Nova, 1999.

PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2006.

PIERRARD, Pierre. *A História da Igreja*. Editora Paulus. São Paulo, 1882.

SAWYER, M. James. *Uma introdução a teologia*: das questões preliminares, da vocação e do labor teológico. São Paulo: editora Vida, 2009.

SEFFENER, Fernando. *Da Reforma à Contra-Reforma*: o cristianismo em crise – São Paulo: Atual, 1993. – (História geral em documentos).

TIDWELL, J.B. *Visão Panorâmica da Bíblia* – Um estudo livro por livro, 1988. Edições Vida Nova, SP.

VIRKLER, Henry A., *Hermenêutica*: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica (Miami: Editora Vida, 1987).

WARE, Kallistos. *Sacra Arquidiocese de Buenos Aires*. Disponível em<http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/igreja_ortodoxa/a_igreja_ortodoxa_historia_1.html/>. Acesso em 03 de nov. 2016.

WEBER, Max. *Ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1985.